

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO**

LUCAS LOPES DO AMPARO FRANCISCO

PODCAST *MAIS QUE ATENÇÃO*

**GOIÂNIA
2022**

LUCAS LOPES DO AMPARO FRANCISCO

PODCAST MAIS QUE ATENÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Pereira Borges.

GOIÂNIA

2022

LUCAS LOPES DO AMPARO FRANCISCO

PODCAST MAIS QUE ATENÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, orientado pelo Prof. Dr. Rogério Pereira Borges.

Goiânia, 12 de dezembro de 2022

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em: ___/___/___.

Resultado: _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Pereira Borges
(Presidente da Banca)

Prof^a. Msc. Sabrina Moreira de Moraes Oliveira
(Avaliador)

Prof. Dwain Phillip Santee
(Avaliador)

Agradecimentos

Quero agradecer a minha família pelo suporte e apoio desde meu nascimento até aqui. Também agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que a finalização deste trabalho de conclusão de curso fosse possível, em especial ao professor Rogério, meu orientador, pela paciência e compreensão em momentos difíceis de prosseguir com o projeto.

“Comunicação é a arte de ser entendido.”

- Peter Ustinov

Resumo

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é apurar informações que possam esclarecer e conscientizar a sociedade sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. O gênero podcast se mostrou adequado para esse tema, já que naturalmente possui uma linguagem mais informal e descomplicada para pessoas leigas no assunto. A partir de entrevistas, foram coletados relatos de pessoas que possuem alguma ligação com o TDAH, como psiquiatras, psicólogos, psicopedagogos e pessoas diagnosticadas com o transtorno. A conscientização acerca do assunto é importante, pois o TDAH é uma patologia “invisível”, já que é uma condição mental que pode passar despercebida por outras pessoas. Ainda é notório um equívoco do senso comum que, por desconhecimento, se refere às crianças portadoras do transtorno como inquietas e aos adultos como desleixados e desorganizados como se, nesses casos, esses comportamentos fossem uma opção.

Palavras-chave: TDAH; jornalismo; saúde mental; podcast; jornalismo científico.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1. O que é TDAH?	10
2.1.1. DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais	11
2.1.2. Diagnóstico de TDAH	13
2.2. O que é podcast?	17
2.2.1. Podcast, democracia e jornalismo	21
3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	26
3.1. Os episódios	27
3.2. Memorial de Produção	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	40

1. INTRODUÇÃO

Quando pensamos em Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, logo vem à cabeça a falta de atenção e a dificuldade de concentração em tarefas do dia a dia. É importante esclarecer sobre essa patologia e indicar, da forma mais clara possível, que esse transtorno abrange mais elementos do que esses. No decorrer do trabalho, também veremos a menção de que o TDAH é “invisível”. Isso se dá porque esse transtorno pode passar despercebido principalmente em adultos, em que o TDAH é “camuflado” por outros transtornos como a depressão, por exemplo. Uma pessoa adulta, considerada desleixada ou desorganizada, pode buscar um psiquiatra com queixas de depressão e acabar descobrindo que é portadora do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

O que podemos esperar do podcast *Mais que Atenção* é realmente um esclarecimento e uma conscientização para a sociedade, desmistificando ideias erradas sobre o tema abordado. Pessoas portadoras de TDAH podem ter problemas ao exporem suas ideias e isso, em relações interpessoais, pode tornar-se em um grande obstáculo. A ideia é contribuir, por meio de informação jornalística de qualidade e ouvindo pessoas que realmente têm conhecimento sobre o assunto, para que a existência da patologia seja uma questão do mundo real, que afeta vidas, de fato.

Trazer clareza na comunicação foi uma grande preocupação neste projeto. Sem a utilização de termos técnicos ou pouco conhecidos, os quatro episódios desenvolvidos apresentam uma linguagem facilitada e acessível a todos. O acesso à informação é importante, já que quanto mais pessoas souberem sobre o assunto, a conscientização consegue exercer uma maior força sobre a sociedade. Uma das entrevistadas deste trabalho, a cientista política Ludmila Rosa, comentou que o autismo só é reconhecido atualmente por ter ocorrido, em determinado momento, uma mobilização para que ele fosse visto. O mesmo pode ocorrer com o TDAH. O conhecimento sobre o transtorno hoje em dia é muito superior ao que se sabia a seu respeito dez anos atrás. A comunicação sobre o tema deve refletir o avanço científico. Esse podcast também é uma forma de incentivar e introduzir esse conhecimento para as pessoas.

Por ter, naturalmente, uma linguagem simples e mais direta que outras formas de comunicação, o podcast foi o gênero escolhido para transmitir o conhecimento para as pessoas. No decorrer deste trabalho, veremos exemplos de podcasts que tratam de assuntos complexos de uma forma leve, com o mínimo de termos técnicos. Um desses podcasts é o DrauzioCast, apresentado pelo famoso médico Dr. Dráuzio Varella, que convida profissionais de diversas áreas da saúde para conversar sobre os temas. Inclusive, a saúde mental tem episódios voltados para ela.

O podcast *Mais que Atenção* é uma série com quatro episódios. O primeiro traz um esclarecimento acerca do TDAH. Desmistificando o senso comum, o episódio piloto traz informações que podem ser novas para muitos ouvintes. Entre essas informações, está o fato de que o transtorno também abrange outros sintomas, como a impulsividade e a hiperatividade. O segundo episódio é um pouco mais técnico, mas sem fugir do fácil entendimento. As fontes mostraram seu lado profissional com maior predominância, trazendo essas experiências para falar sobre o transtorno. É o caso de Ludmila Rosa, cientista política e militante da causa que foi diagnosticada com o transtorno. Com a sua experiência trabalhando no setor público, ela observou algumas carências na educação quando o assunto é atender crianças com transtorno nas escolas, por exemplo.

O terceiro episódio levanta aspectos do TDAH na vida infantil. As fontes diagnosticadas com o transtorno trouxeram suas experiências pessoais na infância e adolescência. A psicopedagoga Patrícia Neiva dos Santos informou sobre orientações de como os professores e pedagogos devem agir para atender as crianças com o transtorno, mas alertou que a responsabilidade também é da família, que deve buscar tratamento, algo que é direito da criança. O quarto episódio traz o transtorno na vida adulta. Um mito é que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade se dá apenas na infância. Neste episódio desmentimos isso, salientando a fala das fontes e completando-as com dados de pesquisas. Falamos, também, sobre como alguns sintomas da depressão, por exemplo, podem “camuflar” o TDAH. Além disso, há o incentivo às pessoas que se identificaram com os sintomas do transtorno para que busquem tratamento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O que é TDAH?

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma condição neurobiológica que atinge de 3% a 7% da população (LOPES, NASCIMENTO & BANDEIRA, 2005, p. 1). Para Barkley (2002), trata-se de um transtorno que afeta o desenvolvimento do autocontrole, a atenção e o controle de impulsos. Benczik (2000) diz que o TDAH possui sintomas como dificuldade em manter a atenção, agitação e inquietude; e que esses sintomas possuem um padrão persistente, além de serem mais frequentes e mais fortes do que os comportamentos similares identificados em crianças de mesma idade e nível de desenvolvimento (GRAEFF & VAZ, 2008).

Segundo um estudo publicado por Gomes, Palmira, Barbirato, Rohde & Mattos (2007), em que 432 pessoas foram entrevistadas, 67% dos entrevistados afirmaram que conheciam alguém que é diagnosticado com TDAH e 50% afirmaram que não consideram o TDAH como uma doença. Enquanto 99% dos entrevistados afirmaram que o transtorno ocorre em crianças, apenas 77% afirmaram que o transtorno ocorre em adultos.

O TDAH é tratado em crianças há quase um século, mas há algumas décadas foi observado que essa patologia continua na vida adulta. Em 2005, estimava-se que cerca de 60% a 70% das pessoas diagnosticadas com TDAH na infância mantinham o transtorno na vida adulta. (Barkley et al, 2002 apud LOPES, NASCIMENTO & BANDEIRA, 2005). O diagnóstico do TDAH em adultos pode ser mais difícil:

O TDAH em adultos muitas vezes tem sido visto como uma doença camuflada, devido ao fato dos sintomas serem mascarados, ocorrendo problemas de relacionamento afetivo e interpessoal de organização, problemas de humor, abuso de substâncias, ou seja, caracterizados pela comorbidade. (LOPES, NASCIMENTO & BANDEIRA, 2005, p. 2)

“Quanto ao gênero, estudos apontam para maior prevalência do TDAH no gênero masculino 3,7,9, com razões entre os gêneros masculino e feminino de 9:1 3 e de 4:1 para subtipo predominantemente hiperativo-impulsivo e 2:1 para o predominantemente desatento” (VERA et al, 2007, p. 1-2).

2.1.1. DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

Para entender um pouco mais sobre o TDAH, é importante que estejamos contextualizados sobre o que é o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais).

Como o próprio nome já diz, trata-se de um manual de orientação sobre diagnósticos de transtornos mentais. A primeira edição do DSM foi lançada em 1952 pela American Psychiatric Association (APA) (MATOS, MATOS, MATOS, 2005). Com o passar dos anos, o manual teve atualizações a partir de novos estudos. Em 1968 foi publicado o DSM-II, em 1980 foi publicado o DSM-III, em 1987 foi publicado o DSM-III-R, em 1994 foi publicado o DSM-IV, em 2002 foi publicado o DSM-IV-TR e em 2013 foi publicado o DSM-V, que é o mais recente.

O DSM-IV é uma classificação com 5 eixos, agrupando 16 diferentes classes diagnósticas que possuem códigos numéricos específicos. Os autores descrevem os eixos do manual:

Eixo I: Descreve os transtornos clínicos propriamente ditos. Por exemplo: transtorno de pânico sem agorafobia (300.01), transtorno depressivo recorrente (296.3), transtorno delirante (297.1), dependência do álcool (303.90), etc. **Eixo II:** Descreve o retardo mental. Por exemplo: retardo mental severo (318.1) e transtornos de personalidade, que foram reunidos em três grandes agrupamentos (clusters). No grupo A, estão os indivíduos com traços estranhos ou bizarros – por exemplo, transtorno de personalidade esquizóide (301.20); no grupo B, os indivíduos com traços dramáticos e instáveis – por exemplo, transtorno de personalidade borderline (301.50); e, finalmente, os inseguros e ansiosos no grupo C – por exemplo, transtorno de personalidade dependente (301.6). **Eixo III:** Descreve as condições médicas gerais. Por exemplo: otite média recorrente (382.9). **Eixo IV:** Trata dos problemas psicossociais e ambientais, associados com o transtorno mental em questão. Por exemplo: ameaça de perda de emprego. **Eixo V:** Constitui-se por uma escala de avaliação global de funcionamento (AGF), que recebe uma numeração. Por exemplo: AGF = 82 (MATOS, MATOS, MATOS, 2005, p. 2).

O DSM-IV traz algumas vantagens no que diz respeito à sua utilização. “Indivíduos anteriormente diagnosticados como “histéricos” eram ridicularizados, nas salas de atendimento de urgência, por não terem o seu sofrimento reconhecido pelos médicos” (MATOS, MATOS, MATOS, 2005, p. 2). Antes, as pessoas com ataques de pânico, por exemplo, sofriam ao serem ridicularizadas e humilhadas por terem seus sintomas mal-interpretados pelos profissionais que os atendiam (ibidem).

O DSM-IV (APA, 1994) e o DSM-IV-TR (APA, 2002, 2003) trazem diversos critérios e orientações baseados em manifestações infantis do TDAH para o levantamento de um diagnóstico e traz uma separação entre desatenção, hiperatividade e impulsividade (LOPES, NASCIMENTO & BANDEIRA, 2005, p. 2) como mostrado a seguir:

Para Rohde (apud Graeff & Vaz, 2008), a desatenção pode se caracterizar por:

[...] dificuldade de atentar a detalhes, tendência a cometer equívocos por pequenos descuidos em atividades escolares e de trabalho, dificuldade de manter a atenção em atividades lúdicas ou tarefas em geral, não seguir instruções dadas e não terminar tarefas escolares, ser facilmente distraído por estímulos alheios à tarefa, apresentar dificuldade em organizar tarefas e atividades em geral, apresentar esquecimento em atividades diárias e evitar, ou mostrar relutância quanto à realização de tarefas que exijam esforço mental (p. 4).

Na década de 1960, o principal elemento do transtorno era a hiperatividade, que recebia maior destaque por parte dos pesquisadores (Graeff & Vaz, 2008). A pesquisadora Virgínia Douglas (apud GRAEFF & VAZ, 2008) e seus alunos da Universidade de McGill, no Canadá, que ganha destaque na citação dos autores ao mencionar os estudos da década de 1970 sobre o assunto, são grandes responsáveis pela nova nomenclatura que o transtorno recebeu. A partir daí, o Distúrbio de Reação Hiperkinética da Criança, nomenclatura dada pelo DSM-II (American Psychiatric Association, 1968), passa a se chamar “Distúrbio de Déficit de Atenção” no DSM-III (APA, 1980).

Para Phelan (2005), a hiperatividade pode ser entendida por “inquietação motora e agressiva, não apenas leves espasmos, passando a sensação de que as crianças estão “ligadas na tomada”, por estarem quase que constantemente em atividade” (GRAEFF & VAZ, 2008, p. 4). Ainda, pode ser caracterizada pela dificuldade de ficar quieto ao sentar-se em uma cadeira, ficar de pé quando o esperado é que se fique sentado, demonstrar comportamento inadequado para situações inapropriadas, falar muito e apresentar dificuldades de brincar em silêncio (APA, 2002 apud GRAEFF & VAZ, 2008).

Apesar dos sintomas mencionados anteriormente, as crianças com TDAH podem ficar quietas em algumas situações, como quando relacionadas a alguma novidade, fascínio ou algo terrífico (GRAEFF & VAZ, 2008).

A impulsividade dentro do TDAH merece destaque pois é um fator que pode apresentar prejuízo significativo no desenvolvimento da vida social da criança e apresentar, também, riscos físicos reais de machucados e até mesmo morte (GRAEFF & VAZ, 2008). Phelan (2005) expõe que “impulsividade na criança com TDAH é caracterizada pela ação sem o controle racional, ou seja, a criança faz o que quer, sem medir ou se preocupar com as consequências” (apud GRAEFF & VAZ, 2008, p. 5). Com isso, a possibilidade de as crianças com o transtorno se envolverem em atividades perigosas ou de agredir outras pessoas são maiores do que aquelas que não são diagnosticadas com TDAH (GRAEFF & VAZ, 2008, p. 5).

Barkley (2002) menciona que a característica da impulsividade repercute negativamente no meio social e no meio escolar/acadêmico:

Características repercutem negativamente tanto no meio social como no da aprendizagem. Na sala de aula, as crianças com TDAH costumam interromper a aula, fazer comentários sem pensar e sem autorização, responder a perguntas antes que sejam terminadas, iniciar tarefas ou testes sem ler as instruções por completo ou com cuidado e mostrar dificuldade em aguardar a sua vez (GRAEFF & VAZ, 2008, p. 5).

2.1.2. Diagnóstico de TDAH

Para Graeff e Vaz (2008), é importante obter um diagnóstico criterioso de forma que se entenda a dinâmica dos sintomas e como eles se manifestam nos pacientes. O uso de escalas, testes psicológicos e neuropsicológicos são opções possíveis. Esses instrumentos conseguem prover um bom número de informações.

Barkley (1997) argumenta que estudos de neuroimagem mostram que as pessoas diagnosticadas com o TDAH possuem algum tipo de comprometimento na região do lobo frontal do cérebro. Normalmente, o córtex pré-frontal do lado direito é um pouco maior que o esquerdo, porém, nos pacientes com o transtorno, foi possível observar que havia uma redução no lado direito (LOPES, NASCIMENTO & BANDEIRA, 2005). Barkley (1997) comenta sobre a função dos lobos frontais do cérebro:

Acredita-se que os lobos frontais possuam uma função executiva, compreendendo a capacidade de iniciar, manter, inibir e desviar a atenção. Gerenciar as informações recebidas, integrar a experiência atual com a passada, monitorar o comportamento presente, inibir respostas inadequadas, organizar e planejar a obtenção de metas futuras é tarefa dos lobos frontais. Assim é possível compreender muitas das manifestações de

TDAH como resultado de uma deficiência do desenvolvimento do processo inibitório normal, o que exerce papel importante na função executiva do lobo frontal. Acredita-se também, que a ocorrência do TDAH é um distúrbio genético (LOPES, NASCIMENTO & BANDEIRA, 2005, p. 5).

Cabral (2003) define que o transtorno é um distúrbio neurobiológico. “Os trabalhos podem ser reunidos em dois grandes grupos, um que enfatiza o déficit funcional de certos neurotransmissores e outro grupo de estudos que enfatiza o déficit funcional do lobo frontal, o córtex cerebral, mais precisamente.” (apud, LOPES, NASCIMENTO & BANDEIRA, p. 5). Dopamina e noradrenalina são os neurotransmissores em que acredita-se estarem envolvidos ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (ibidem).

As causas do TDAH podem ter diversos sintomas ao passo que também pode ter apenas um sintoma isolado. Apesar da possibilidade de haver variadas possíveis causas, pode-se constatar que a origem do fenômeno se faz neurogenético-ambiental (COUTO, JUNIOR & GOMES, 2010).

Para Luengo e Constantino (2009, citado por Martinhago & Caponi, 2019), a escola é um local em que a percepção dos comportamentos associados ao TDAH é mais fácil. No ambiente escolar, as crianças portadoras do transtorno não agem como o professor espera. Esses indivíduos têm dificuldade em seguir as regras da escola, como permanecer sentados e prestar a atenção à aula por horas sem conversar.

Em um estudo conduzido por Beltrame, Souza, Nascimento & Sandrini (2015), os responsáveis por crianças portadoras de TDAH, de forma unânime, responderam que os problemas na escola foram os principais motivos que os levaram a buscar um diagnóstico.

[...] de forma unânime todos informaram que o principal motivo foi a queixa da escola, que começou com bilhetes recorrentes na agenda escolar, passou para chamadas de pais em particular para reclamações sobre o comportamento do filho, até, em alguns casos, como de Bolt, haver a expulsão pela escola. Sua mãe diz que “quando ele foi para a primeira série, mudou. É obrigado a se enquadrar”. Márcio também teve o diagnóstico no primeiro ano de educação formal e uma experiência semelhante. Sua mãe fala que “antes de ir para a escola não dava para perceber muita coisa, percebia que era uma criança agitada, mas eu achava normal. Depois que ele começou a ir para a escola, as professoras começaram a reclamar”. Oliver, devido às constantes reclamações da escola sobre seu comportamento, também foi parar em um consultório médico (p. 3-4)

Martinhago & Caponi (2019) fizeram um estudo em uma escola pública no sul do Brasil e chegaram à conclusão de que o aquele ambiente escolar não apresentava as condições adequadas para receber as crianças com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. “A impressão é que se preserva ali uma instituição escolar nos moldes das décadas de 1960-1970, um lugar em que perdura o fracasso escolar, onde os professores trabalham insatisfeitos, com baixos salários, desprovidos de condições de trabalho.” Dessa forma, o ambiente escolar não adequado para as crianças portadoras do transtorno contribui para a existência do TDAH, que é considerado um transtorno psiquiátrico, já que existem tratamentos e medicamentos que podem atingir os sintomas da patologia (ibidem). Segundo o Instituto de Educação e Análise do Comportamento (IEAC), a Academia Americana de Pediatria recomenda a intervenção medicamentosa e comportamental para indivíduos com 6 anos de idade ou mais. Para indivíduos com idade menor, a intervenção comportamental é melhor recomendada. Uma pesquisa feita em 2016 nos Estados Unidos estimou que 6,1 milhões de pessoas com idade entre 2 e 17 anos naquele país tinham diagnóstico de TDAH. Desses indivíduos, 62% tomavam remédios para tratar o transtorno e 47% passavam por intervenções comportamentais como forma de tratamento. Ainda, 77% dos indivíduos estavam recebendo algum tipo de tratamento, sendo 30% apenas com medicação, 15% apenas com a intervenção comportamental, 32% com ambas as formas de tratamento e 23% não estava recebendo nenhum tipo de intervenção (Freitas, s/d).

Como mencionado anteriormente, o TDAH pode persistir na vida adulta. Para que fosse feita uma avaliação sobre a qualidade de vida em adultos com o transtorno, foi desenvolvido um estudo chamado, em inglês, Adult ADHD Quality of Life Questionnaire (AAQoL), ou, em português, Questionário de Qualidade de Vida em Adultos com TDAH (Brod et al, 2006 apud Mattos & Coutinho, 2007). O estudo foi desenvolvido com base nas seguintes informações:

A sua estrutura foi desenvolvida a partir da sistematização de um conjunto de informações sobre os sintomas e o impacto da doença, colhido com os próprios pacientes, com especialistas em TDAH e na literatura específica. Essas informações possibilitaram aos autores a criação de um modelo conceitual sobre o impacto do TDAH do adulto na qualidade de vida do indivíduo (Mattos & Coutinho, 2007, p. 2).

Na pesquisa, foi possível observar que os portadores do transtorno têm maior taxa de desemprego, de divórcios e menor renda média se os compararmos com aqueles indivíduos não-portadores. Além disso, o estudo mostrou que os diagnosticados há mais tempo obtiveram melhores resultados nessas áreas do que aqueles que tiveram o diagnóstico durante o processo da pesquisa, justamente por já terem o devido tratamento sendo aplicado anteriormente (Mattos & Coutinho, 2007).

“Os sinais residuais do transtorno incluem impulsividade e déficit de atenção, identificados em dificuldades para dar curso e organização em um trabalho, fácil distração, incapacidade de concentrar-se, tomadas súbitas de decisões sem medir consequências, por exemplo” (LOPES, NASCIMENTO & BANDEIRA, 2005, p. 3). Nota-se que muitos adultos correlacionam uma atuação comprometida que atinge a vida social e profissional a uma baixa autoestima. Com isso, é possível observar que estes indivíduos, com uma certa frequência, apresentam um transtorno depressivo secundário. “A terapia psicofarmacológica pode precisar de cuidados contínuos indefinidamente, e deve ser monitorada quanto à resposta à medicação e à aderência ao tratamento” (ibidem).

Silva (2003, apud Lopes, Nascimento & Bandeira, 2005) comenta sobre as semelhanças das características entre crianças e adultos portadores do TDAH:

Apesar de serem identificadas numerosas semelhanças entre as características de comportamento de crianças e adultos com TDAH, foram feitas várias distinções. Uma delas é a redução em níveis globais de hiperatividade entre adultos. Tal diferença, associada ao fato de que os critérios do DSM-IV foram desenvolvidos principalmente para crianças, estimulou os autores a pesquisar sobre o assunto (p. 3).

Marks (2004, apud Lopes, Nascimento & Bandeira, 2005) instrumentalizou 8 domínios para ter precisão na hora de identificar o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade em adultos:

a) hiperatividade motora (por exemplo, inquietude e uma inabilidade para persistir em atividades sedentárias); b) déficits de atenção (por exemplo, distrabilidade e esquecimento); c) labilidade afetiva (oscilações espontâneas em humor); d) temperamento quente (episódios de irritabilidade e excitabilidade); e) reação emocional excessiva (crises interferem em resolver os problemas apropriadamente); e) desorganização (aproximação fortuita para atividades); f) impulsividade (por exemplo, interrompem os outros e mostram decisão apressada que fazem); f) características associadas (por exemplo, história de TDAH no histórico familiar) (p. 3).

Roizblatt, Bustamante & Bacigalupo (2003) expõem os sintomas que os adultos portadores de TDAH podem apresentar. Entre esses sintomas estão a dificuldade em se relacionar afetivamente, apresentando instabilidade por separações e divórcios, por exemplo; dificuldade na vida profissional durante sua vida com a consequência de render abaixo das suas capacidades reais; incapacidade de manter a atenção por um longo período de tempo; falta de organização e disciplina, dificuldade de cumprir com seus compromissos, perdas e distrações em relação a itens importantes; baixa autoestima e depressão; dificuldade em pensar e falar com clareza, de forma que seja de fácil entendimento às outras pessoas; comportamentos impulsivos; acidentes frequentes devido às distrações; alto consumo de álcool e abuso de substâncias (apud LOPES, NASCIMENTO & BANDEIRA, 2005).

O tema TDAH ainda precisa ser debatido na sociedade para que haja maior esclarecimento e conscientização sobre o assunto. Pensando nisso, o podcast é um instrumento que pode ser eficaz na introdução dessa temática na sociedade de forma mais profunda a fim de levar o conhecimento de forma leve e precisa.

2.2. O que é podcast?

Para alguns pesquisadores e teóricos, é uma tecnologia que tem sua gênese no rádio. Não é necessário ter qualquer formação acadêmica para notar a semelhança do rádio com o podcast. Ambos são feitos de áudio, porém com a diferença que o podcast é dividido por episódios e o ouvinte pode escolher o que e quando vai consumir esse produto. Para falarmos de podcast, vale entrar um pouco na história do rádio no Brasil. A primeira transmissão de rádio em território brasileiro foi o discurso de Epitácio Pessoa, então Presidente da República, no dia 7 de setembro de 1922. Quem viabilizou essa transmissão foi o antropólogo e educador Roquette-Pinto, considerado o pai da radiodifusão no Brasil e que, em 1923, fundou a primeira emissora brasileira de rádio. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro tinha como principal objetivo a promoção da educação no País. Na década de 1920, de acordo com o censo demográfico, o analfabetismo atingia 65% da população e, para Roquette-Pinto, o rádio era a escola daquelas pessoas que não podiam ir à escola.

Naquela época, o rádio começou a ser usado para a veiculação de notícias através da leitura de jornais. A popularidade dessa tecnologia começou a crescer na década de 1930, muito em razão de uma lei sancionada pelo presidente Getúlio Vargas que autorizava a publicidade nas transmissões. Dessa forma, as empresas começaram a investir nas propagandas em rádio e isso permitiu que as emissoras pudessem fazer investimentos cada vez melhores em seus equipamentos. A música popular e os programas de entretenimento começaram a ganhar espaço após isso. Em 1935, Getúlio criou o programa “A Voz do Brasil”, que é o programa mais antigo do hemisfério sul ainda em transmissão nos dias de hoje, para levar as notícias de seu governo (BRASIL, 2022).

Atualmente, é perceptível uma grande mudança na forma dessas rádios se comportarem. Trata-se de uma questão de sobrevivência, já que é importante que os veículos se adaptem às novas tecnologias. Esse fenômeno engloba toda a cadeia midiática, como emissoras de televisão, rádios, jornais, revistas e inicia com a popularização da internet comercial nos anos 1990, que é um divisor de águas na comunicação mundial. Durante a pandemia, o podcast, um formato em áudio semelhante ao rádio, se fortaleceu e ficou ainda mais popular no Brasil com transmissões no formato audiovisual. Emissoras de rádio, como a Jovem Pan, por exemplo, para se atualizar às novas formas de consumo, agora transmite tanto em formato de áudio, nos aparelhos de rádio, quanto no formato audiovisual, usando o Youtube como plataforma para fazer essa transmissão ao vivo.

O gênero podcast foi criado há pouco mais de uma década e seu nome traz a junção das palavras *pod*, da palavra *ipod* - tocador mp3 da Apple - e da palavra *broadcast*, que vem do inglês e significa “transmissão”. A nomenclatura se refere a gravações em áudio que foram publicadas na internet e usadas em 2004, pela primeira vez no jornal *The Guardian*, da Inglaterra. (JAIN; HASHMI, 2013 citados por BERTO & GREGGIO, 2021). Com o lançamento e difusão na sociedade de vários aparelhos portáteis que reproduzem áudio, surgiram ideias de como automatizar o acesso aos conteúdos dos chamados audioblogs e outros programas de rádio (LUIZ & ASSIS, 2010). “O método que mais teve sucesso foi a possibilidade desse download ocorrer automaticamente através de programas chamados “agregadores”, utilizando uma tecnologia já empregada para blogs: o feed RSS (Really Simple Syndication)” (ibidem).

Podcast é um gênero que “constitui-se como uma mídia de transmissão de conteúdo em formato de áudio”, assim como o rádio, mas o podcast fica disponível para que os ouvintes possam ouvir a qualquer momento, permitindo que eles possam pausar, avançar e voltar em qualquer trecho do programa e até mesmo ouvir inúmeras vezes. Esse tipo de mídia pode ser acessada de smartphones, websites e, também, plataformas de streaming de áudio como Spotify, Youtube, Deezer, entre outros (ibidem).

No Brasil, em 2022, podemos encontrar diversos podcasts que são transmitidos ao vivo de forma audiovisual em plataformas como Youtube e Twitch, e depois ficam gravados tanto em suas versões em áudio quanto em vídeo nas plataformas de streaming mencionadas no parágrafo anterior. Alguns exemplos de podcasts famosos que possuem versão em vídeo e áudio hoje em dia são o Flow, apresentado por Igor Coelho, o Podpah, apresentado por Igor Cavalari e Thiago Marques - conhecido como Mítico - e o Inteligência LTDA, apresentado por Rogério Vilela.

Um podcast mais antigo e que não tem versão em vídeo, mas foi e continua sendo muito importante para o desenvolvimento desse gênero no Brasil, é o Nerdcast, que tem como tema principal o conteúdo geek. Fundado em 02 de abril de 2006 como uma extensão do blog Jovem Nerd, fundado em 2002 por Alexandre Ottoni e Deive Pazos, o então Nerd Connection tinha uma programação voltada para os jovens, usando o humor, a mixagem de som, “pautas leves e descompromissadas”, técnica e efeitos sonoros que auxiliavam a fala dos apresentadores. Esse formato usado pelo Nerdcast, em que há uma conversa informal sobre diversos temas, foi base para a criação e produção de vários podcasts que vieram posteriormente (LUIZ & ASSIS, 2010).

O formato possui o estilo on demand, ou seja, o ouvinte escolhe o que quer consumir e em qual momento ele quer consumir. Os episódios dos podcasts estão disponíveis a qualquer momento. Além disso, o on demand pode abranger diversas mídias como os podcasts, músicas, filmes e séries. As plataformas de streaming como Netflix, Spotify, Deezer, Prime Video, entre outras, ajudaram a popularizar o essa forma de consumo, pois permitem que o consumidor tenha a liberdade de escolher. No livro “A Cultura da Convergência”, Henry Jenkins (2006) explica que a mídia tradicional é passiva, em que o receptor não interage e apenas consome

aquilo que lhe é oferecido de forma quase que forçada. Já a mídia atual busca a interação e a participação do seu público. “Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação” (idem, 2006, p. 22).

Isso é perceptível nos podcasts mais recentes em que os hosts - apresentadores do podcast - abrem um espaço para que os consumidores enviem perguntas e interajam ao vivo com eles e com os convidados. Isso gera uma conexão entre as duas partes e torna o convidado, que muitas vezes é uma celebridade, uma pessoa mais acessível ao público. Em 2020, o Flow Podcast teve a oportunidade de entrevistar vários candidatos à prefeitura de São Paulo como Celso Russomano, Guilherme Boulos, Joice Hasselmann e Bruno Covas. Além disso, este mesmo podcast já contou com a participação do presidente Jair Bolsonaro e, antes disso, o Podpah recebeu a presença do ex-presidente Lula. Percebe-se que essa mudança no comportamento dos consumidores, em que eles são ativos e interagem, faz do podcast um tipo de mídia bastante atrativa para a classe política, por exemplo, que, a fim de gerar uma conexão com o eleitor, aceita o convite para conversarem com os hosts.

Ainda falando sobre a convergência, os podcasts atendem às novas lógicas de consumo e criam conteúdos multiplataforma, o on demand permite que os podcasts tenham vários episódios, possibilitando o aprofundamento dos assuntos, com a participação de mais e variadas fontes, mais temas abordados e mais pontos de vista diferentes. Para além de o público desejar interagir e poder escolher o que vai consumir, ele também ficou exigente quanto à qualidade do produto. Se é um podcast, música, filme ou série ruim, o receptor tem tantas outras opções que pode escolher que quem se dedica a produzir conteúdos nessas plataformas, precisa estar atento a novos formatos, assuntos que geram engajamento e cuidado com o que está levando ao ar, se não quiser perder espaço para uma concorrência cada vez mais numerosa.

Esse fenômeno pôde ser visto na relação entre os podcasts Flow e Podpah, que possuem o mesmo formato, o chamado mesacast, em que o host e o convidado conversam sobre uma mesa. Uma parte dos espectadores do Flow estava deixando de consumir o programa por julgarem que o comportamento de um dos hosts, Bruno

Aiub - conhecido como Monark - não estava sendo bom. Enquanto isso, o Podpah crescia disparadamente e conquistava novos consumidores. Nesse caso específico, as fronteiras entre o que é jornalismo e o que não é foram debatidas, já que a profissão, ao ser instada a produzir conteúdos, precisa respeitar parâmetros éticos que devem estar presentes seja em qual plataforma for. Os podcasts jornalísticos, portanto, estão inseridos na lógica do on demand, mas mantendo compromissos que legitimam social e historicamente a profissão.

2.2.1. Podcast, democracia e jornalismo

O formato de podcast pode ser considerado um meio de comunicação democrático. Primo (2005, apud FALCÃO & TEMER, 2019) argumenta que nem todos podem ser donos de uma emissora de rádio, mas por outro lado, qualquer indivíduo com o mínimo de estrutura e acesso à tecnologia da informática pode produzir e gravar um podcast.

Essa consideração merece atenção, uma vez que o podcast tanto pode ser produzido por uma única pessoa com um microfone em mãos, quanto por grandes corporações que o incluem em seu rol de produtos midiáticos. Ao contrário do que ocorre no rádio, a distribuição não se restringe à localidade, mas torna-se global, conquanto haja inclusão digital. A flexibilidade de tempo, a liberdade na linguagem e a divisão por episódios também devem ser destacadas (p. 4).

Segundo uma pesquisa do Ibope feita em 2019, 40% das pessoas com acesso à internet no Brasil são ouvintes de podcast. De acordo com dados do Spotify, isso fez do Brasil o segundo maior consumidor desse formato de mídia no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (Fonseca, 2019). Em 2019, nos dias 1 e 2 de novembro, o Spotify promoveu no Brasil o “Spotify for podcasters summit”, primeiro evento da empresa voltado 100% para os podcasts. O evento reuniu produtores, representantes de empresas de áudios e entusiastas do formato para discutir o desenvolvimento desse estilo de comunicação.

O Podpesquisa, uma ferramenta usada para compreender o perfil dos ouvintes e produtores de podcast no Brasil, foi fundado em 2008 por Marcelo Oliveira com o apoio de Ronaldo Ferreira. O Podpesquisa Produtores 2020-2021 recebeu 629 respostas válidas entre os dias 14 de março e 30 de outubro de 2020, participação de 24 unidades federativas e também houve a participação de

brasileiros que moram no exterior - estes representam 15% dos participantes. O estudo concluiu que 70,3% dos produtores iniciaram seus podcasts a partir de 2018. 71,7% afirmaram que não usam uma empresa para produzir seus programas contra 10% que admitiram que usam (PODPESQUISA, 2021).

O Podpesquisa 2019, que é a mais recente pesquisa que engloba o perfil dos ouvintes brasileiros, recebeu 16.713 respostas através de um formulário digital entre os dias 21 de outubro de 2019 e 15 de dezembro de 2019. O estudo obteve resposta de todos os estados do Brasil e, também, de brasileiros que moram no exterior. A região Sudeste, a mais populosa do país, foi a que mais enviou respostas. O estudo constatou que o Spotify é a plataforma com mais ouvintes de podcasts. Além disso, foi possível observar que em relação a 2018, a participação das mulheres aumentou em 11% e 17,4% dos ouvintes são LGBTQIA+. Além disso, 30% possuem o ensino superior incompleto e 31% possuem o ensino superior completo (PODPESQUISA, 2019). Essa é a lista dos 20 podcasts mais citados no estudo:

1. Nerdcast
2. Gugacast
3. Mamilos
4. Xadrez Verbal
5. Anticast
6. Projeto Humanos
7. Não Ouvo
8. Braincast
9. Matando Robôs Gigantes
10. Poucas
11. Eu tava lá
12. Naruhood
13. Scicast
14. Foro de Teresina
15. Rapaduracast
16. Mundo Freak
17. Hoje tem Podcast
18. Um Milkshake chamado Wanda

19. Decrépitos
20. Café da Manhã

Vale ressaltar que o último podcast da lista, Café da Manhã, é um podcast jornalístico produzido em uma parceria entre o jornal Folha de São Paulo e a plataforma Spotify para levar as principais notícias do Brasil e do mundo para os ouvintes já no início de cada dia. Interessante é que esse formato baseia-se em hábitos há muito arraigados, por exemplo, entre leitores de jornais impressos, acostumados a receber conteúdo jornalístico antes de iniciar sua jornada de trabalho. A mesma lógica é empregada, por exemplo, pelos jornais matinais da TV aberta e pelos programas ao vivo de inúmeras emissoras de rádio. Um outro podcast jornalístico que, diferente do Café da Manhã, foca não exatamente nas informações factuais, mas delas retirando um debate mais amplo, é O Assunto, conduzido por Renata Lo Prete nas plataformas do Grupo Globo. Sempre com entrevistas e convidados, de segunda a sexta-feira ela leva, ainda na madrugada de cada dia, um podcast temático, em que mergulha com mais vigor no tema selecionado para o episódio. Outro formato ainda é o da grande reportagem, com apuração mais extensa e detalhada, caso de Praia dos Ossos, da rádio Novelo. Neste podcast, em cada parte do material é narrado um pedaço da história do assassinato da jovem Ângela Diniz no dia 30 de dezembro de 1976 em uma casa na praia dos ossos, em Búzios. A narração é calma e plena, permitindo o fácil entendimento do ouvinte até a conclusão do caso.

Falcão e Temer (2019) concluem que o gênero podcast atende os cinco critérios vistos como fundamentais para o jornalismo, que são indicados por Meditsch (1992) e Groth (2011). Os critérios são: é um conhecimento diferente do conhecimento científico - compartilhamento da informação de forma simples e clara (Meditsch, 1992; apud Falcão & Temer, 2019) - , tem atualidade - “refere-se ao compromisso jornalístico de possuir uma proximidade com o presente, com o agora (Groth, 2011; apud Falcão & Temer, 2019)” -, tem universalidade - “o jornalismo seria responsável por fornecer ao sujeito material necessário para que ele forme sua opinião sobre determinado fato, esteja este perto ou longe de sua realidade (ibidem)”, - tem periodicidade - “está ligada não apenas ao tempo, mas à continuidade à unidade de sentido de determinado veículo (ibidem)”, - e tem

publicidade - “é a acessibilidade, ou a capacidade de “diante de todo mundo”. O jornal precisa ser lido, a rádio precisa ser ouvida, não apenas por uma ou duas pessoas, mas para inúmeras pessoas, mesmo que não estejam ligadas diretamente umas às outras (ibidem)”.

[...] o podcast estabelece uma nova relação de tempo com quem o consome. Embora seja impossível falar em um descarte do agora, já que a atualidade, como vimos, pode ter diferentes dimensões, a prioridade passa a ser outra: a capacidade de se encaixar no tempo do receptor. É inegável que o podcast chega para dar novo fôlego ao jornalismo ao explorar o potencial da mídia sonora no ambiente online (Falcão & Temer, 2019, p. 11).

O podcast pode ser um gênero jornalístico e isso se justifica pelas suas próprias características.

Seu enquadramento enquanto gênero jornalístico se justifica pelo alcance, pela novidade, pela clareza do pacto de conteúdo quando se fala em podcast, e pela diversidade de formatos que engloba. Entrevista, mesa redonda, debate, reportagem, análise, jornalismo especializado, prestação de serviço, divulgação científica, boletim, editorial, comentário – todos esses formatos fariam parte deste novo gênero e suas características não deixariam dúvidas de que se trata de podcast (ibidem, p. 12).

De acordo com Macedo et al (2012), após uma análise é possível observar que uma grande parte dos podcasts jornalísticos possuem a intenção de informar fatos e, em alguns casos, promover debates sobre assuntos relevantes do momento. Além disso, a informalidade do gênero permite uma melhor conexão entre o emissor e o receptor. Para esclarecer e conscientizar sobre um assunto complexo e delicado como é o TDAH, é necessária uma linguagem simples e clara para passar as informações necessárias, tornando-as acessíveis, mas não superficiais. Já existem podcasts que falam e esclarecem questões sobre saúde. É o caso do podcast “Meu inconsciente coletivo”, disponível na Amazon Music, que fala sobre saúde mental. Nele, a escritora e colunista da Folha de S. Paulo, Tati Bernardi, conversa com os melhores psicanalistas do país sobre assuntos que são recorrentes em suas sessões de terapia e que são comuns para outras pessoas. A linguagem do podcast é despojada, simples, clara e traz questões interessantes desde a análise de filmes à conversas sobre o dia a dia, mas sempre relacionando os temas com a saúde mental. Outro podcast que traz o tema da saúde para sua pauta é o DrauzioCast, disponível pela Apple Podcasts, que é apresentado pelo renomado Dr. Drauzio

Varella que fala sobre saúde em geral, tendo inclusive já feito um episódio sobre TDAH. No DrauzioCast, profissionais da saúde são convidados para falar sobre os temas abordados em cada episódio. É sabido que a medicina pode ser muito complexa para pessoas leigas e o podcast, por natureza e independentemente do tema, possui uma linguagem simples e de fácil entendimento. Portanto, para que um tema complexo como o TDAH seja facilmente compreendido por todas as pessoas, que é o principal objetivo desse trabalho de conclusão de curso, o podcast é o melhor formato para isso.

3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O nome escolhido para o podcast foi “Mais que Atenção”. A ideia é sintetizar, em uma frase, que o TDAH não se refere apenas à falta de atenção ou de concentração. São 4 episódios, sendo todos com a missão de refutar, de forma clara e objetiva, as ideias equivocadas reproduzidas pelo senso comum acerca do transtorno. Entre esses equívocos, podemos citar a ideia de que o TDAH é apenas sobre a falta de atenção ou que o transtorno existe apenas na fase infantil. A ideia do produto é trazer esclarecimento sobre o assunto de forma simples e clara para que todos possam entender e serem conscientizados sobre a mensagem passada. Com esse objetivo, a linguagem da série é informal, com a estética sonora inspirada no podcast “Meu Inconsciente Coletivo”, apresentado pela escritora e colunista do jornal Folha de S. Paulo, Tati Bernardi.

Em cada episódio da série foram entrevistadas pessoas que possuem alguma relação com o transtorno. No total foram 6 fontes entrevistadas, 4 delas diagnosticadas com TDAH. O grupo de fontes especializadas ouvidas é composto por 1 cientista política, 1 psicóloga, 1 psicopedagoga e 1 psiquiatra. Algumas fontes apareceram com mais de uma função, como é o caso da Ludmila Rosa, diagnosticada com TDAH, cientista política e militante pela causa das pessoas com TDAH; e da psicoterapeuta Katícia Guimarães, que inicialmente teria apenas a função de psicóloga, mas que em sua fala na entrevista relatou que ela mesma é diagnosticada com o transtorno. Dessa forma, essa é a lista das fontes e suas funções dentro da série:

1. Cecília Sampaio - Pessoa diagnosticada com TDAH;
2. Dr^a. Verônica Soares - Médica Psiquiatra;
3. Gabriely Rocha Luzini - Pessoa diagnosticada com TDAH;
4. Katícia Guimarães - Psicóloga e pessoa diagnosticada com TDAH;
5. Ludmila Rosa - Cientista política, pessoa diagnosticada com TDAH e militante da causa;
6. Patrícia Neiva dos Santos - Psicopedagoga;

A presença dessas fontes no produto se justifica da seguinte forma: Cecília Sampaio e Gabriely Rocha Luzini relataram suas experiências como pessoas diagnosticadas com o transtorno; Ludmila Rosa (cientista política formada pela Universidade de Brasília) e Katícia Guimarães (psicoterapeuta formada pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás) também relataram suas experiências como pessoas diagnosticadas com TDAH, mas contribuíram ainda com a experiência adquirida com as suas atividades profissionais; Dr^a. Verônica Soares, formada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com pós-graduação em psicoterapia cognitiva comportamental e docente de psiquiatria na Universidade de Rio Verde, em Aparecida de Goiânia, deu sua contribuição como médica psiquiatra, trazendo informações técnicas sobre o tema; e por fim, Patrícia Neiva dos Santos, que participou na condição de psicopedagoga para falar sobre o comportamento das crianças diagnosticadas com TDAH no âmbito escolar.

3.1. Os episódios

O primeiro episódio, intitulado “Não é só falta de atenção” e com duração de 10 minutos e 01 segundo, mostra que, diferente do que o senso comum pensa, o TDAH não é apenas sobre falta de atenção e concentração. Além desses sintomas, existem outros, como a impulsividade e a hiperatividade. Esse episódio contou com a participação de todas as 6 fontes entrevistadas. Gabriely Rocha Luzini, Cecília Sampaio e Ludmila Rosa relataram suas experiências como pessoas portadoras do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, abordando assuntos como de que forma elas obtiveram o diagnóstico, seus comportamentos que ajudaram a identificar o transtorno e suas dificuldades em algumas atividades. Katícia Guimarães participou na condição de psicóloga e falou sobre as classificações que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) traz sobre a patologia. A psicoterapeuta aproveitou, ainda, para esclarecer que as pessoas com TDAH não são incapazes de fazer algumas atividades, mas que possuem maior dificuldade do que aqueles indivíduos não portadores. Patrícia Neiva dos Santos, na condição de psicopedagoga, relatou as dificuldades que uma criança com TDAH pode apresentar no ambiente escolar e alertou sobre a importância da família como um agente participativo no processo de tratamento da patologia. A Dr^a. Verônica Soares, como

médica psiquiatra, falou sobre os sintomas do TDAH que envolvem a desatenção, a impulsividade e a hiperatividade. Ela ainda comentou sobre os possíveis sintomas que aparecem em adultos portadores do transtorno, como depressão, baixa autoestima, desorganização e maior inclinação ao uso de drogas.

O segundo episódio, com o nome “Dia a Dia” e duração de 09 minutos e 50 segundos, busca expor algumas dificuldades enfrentadas no cotidiano por pessoas que possuem o transtorno. Apesar disso, também é um episódio com um tom de manifestação contra a negligência da sociedade e do poder público em relação aos cidadãos portadores de TDAH. Ludmila Rosa, como uma militante em defesa dos portadores do transtorno e cientista política, comentou sobre a deficiência no ensino brasileiro no atendimento de estudantes com algum tipo de transtorno. Ela ressaltou que a educação no Brasil é rígida no sentido de não estar preparada para qualquer “desvio de percurso”. Ludmila ainda comentou sobre a necessidade de chamar os gestores públicos para repensar a metodologia educacional. Afinal, estudar é um direito de todos os cidadãos brasileiros, de acordo com a Constituição Federal de 1988.

Neste episódio, a psicopedagoga Patrícia Neiva dos Santos também comentou sobre como os professores podem ajudar uma criança com TDAH na sala de aula. Ela orientou que os professores devem ter o conhecimento dos sintomas do transtorno e ajudar os pais na busca por diagnóstico e, a partir daí, oferecer atividades que atendam as necessidades daquela criança, estipular uma rotina e estimular a criança ao aprendizado de forma que ela se sinta segura e possa evoluir cada vez mais em sua educação. Já a Dr.^a Verônica Soares comentou sobre a maior facilidade que os portadores de TDAH podem ter em se tornarem viciados em drogas. Segundo ela, isso acontece porque essas substâncias conseguem suprir a falta de neurotransmissores que são ausentes no cérebro de quem tem a patologia. Portanto, o portador do transtorno se automedica com a finalidade de se sentir melhor. Apesar desse fato, o uso de entorpecentes não compensa o déficit de substâncias geradas espontaneamente pelo organismo, além do que, a longo prazo, pode causar prejuízos ainda mais sérios, como dependência química. O melhor caminho é fazer uma consulta com um médico e entender quais são as necessidades do paciente. A psicóloga Katícia Guimarães, também neste episódio do podcast, comentou sobre algumas práticas que são aplicadas aos seus pacientes

que são portadores de TDAH. Entre esses métodos de tratamento estão elencar as potencialidades, as habilidades e fortalecer os bons comportamentos.

O terceiro episódio, “Vida Infantil”, com duração de 11 minutos e 32 segundos, nos leva a abordar o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na infância. Logo no início do episódio, a Dr.^a Verônica Soares nos mostra como TDAH pode influenciar na vida de uma criança. Principalmente no ambiente escolar, os sintomas ficam muito evidentes. O transtorno pode se manifestar desde a dificuldade na alfabetização até um possível comportamento agressivo com um colega de turma. Ela também comentou sobre os tipos de tratamento existentes para portadores de TDAH e como eles são importantes para que o paciente possa ter uma boa qualidade de vida. A professora Patrícia Neiva dos Santos comentou, neste episódio, sobre os comportamentos que uma criança portadora da patologia pode apresentar em sua vida escolar, como inquietação nas mãos e pés e a movimentação constante pelo local em que está. Ela também enfatizou sobre a importância de acolher essas crianças para que elas vejam no ambiente escolar um local seguro onde elas possam entender que serão respeitadas como crianças que são.

Gabriely Rocha Luzini, neste episódio, lembrou o que ela chamou de “crise de TDAH”, ou seja, um período em que ela percebeu alguns comportamentos que fizeram com que desconfiasse que era portadora do transtorno. Cecília Sampaio, outra personagem retratada na série de podcasts, relatou sua experiência na obtenção de diagnóstico aos 8 anos de idade após uma consulta com uma neurologista infantojuvenil e como algumas escolas que ela frequentou não estavam tão preparadas para receber alunos com transtornos. A psicóloga Katícia Guimarães contribuiu nesse episódio ao fazer um apelo aos pais. Ela pediu que eles escutem as queixas de suas crianças e que não diminuam suas dores. Além disso, incentivou que os pais estimulem seus filhos com TDAH e que evitem comparações com irmãos e primos, criando competições que podem ser nocivas.

O quarto e último episódio dessa série, “Vida Adulta”, tem uma duração de 08 minutos e 20 segundos e traz o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na fase adulta. O motivo de ter um episódio direcionado exclusivamente a esse aspecto da temática é a falta de esclarecimento, no âmbito da sociedade, de que o TDAH não é uma patologia que atinge apenas crianças, mas que se perpetua na vida

adulta do indivíduo, na maior parte dos casos. Neste episódio, a psicóloga Katícia Guimarães comenta sobre como obter um diagnóstico e ressalta que é importante que o médico solicite uma avaliação psicológica com a finalidade de fazer uma leitura das funções executivas, como concentração, memória e outras habilidades. Em uma segunda fala, Katícia revela que também é portadora de TDAH e que obteve seu diagnóstico no início de sua vida adulta, quando já estava na faculdade. Ainda durante o episódio, a psicóloga menciona que resolveu se expor um pouco para mostrar para outras pessoas que possuem TDAH que, independentemente de julgamentos e preconceitos, é possível ter uma boa qualidade de vida convivendo com o transtorno.

Ludmila Rosa, que ajudou a promover uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás para debater políticas públicas voltadas para o TDAH, relatou neste último episódio da série que, segundo o que ela apurou nessa reunião, a ritalina, um dos medicamentos usados para tratar TDAH e que é oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), estava faltando nos postos de saúde de Goiânia. A reportagem do podcast entrou em contato com a Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia mas não obteve qualquer retorno sobre essa informação. Ludmila também comentou sobre a sua independência como mulher adulta e que ela tem total liberdade de buscar tratamento sem que precise passar pelo aval de sua mãe. Em outros episódios desta série, foram relatadas algumas dificuldades apresentadas muitas vezes pela não aceitação dos pais acerca do transtorno.

Neste episódio, a Dr.^a Verônica Soares apontou dificuldades que os adultos portadores do transtorno podem enfrentar em relacionamentos interpessoais e como alguns comportamentos fazem com que outras pessoas as vejam como desinteressadas e irresponsáveis. Ela ainda falou sobre a importância do tratamento tanto medicamentoso quanto comportamental, visando a redução do sofrimento dos pacientes. Ao fim do episódio, eu, Lucas Amparo, na posição de apresentador do podcast, incentivo aquelas pessoas que se identificaram com os temas tratados na série, que busquem ajuda para entender as necessidades pois, mesmo com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, é possível ter uma boa qualidade de vida.

As pessoas, ao ouvirem os episódios do podcast *Mais que Atenção*, vão perceber que as informações dadas no início e no encerramento se repetem em

todos os episódios – há apenas uma exceção, no encerramento do 4º episódio, pois é o último da série. Essa repetição não é por acaso. Sua justificativa se dá por uma estratégia e decisão editorial. Essas falas repetidas são empregadas para substituir as vinhetas e tornam-se uma marca deste podcast. Dessa forma, as falas reiteradas tornam-se macos que abrem e encerram os episódios. Também é importante dizer que, com o aspecto de consumo do modelo *on demand*, já tratado no decorrer deste trabalho, os ouvintes podem escolher ouvir os quatro episódios de uma só vez ou algum deles isoladamente, não necessariamente na sequência em que estão ordenados. Portanto, reforçar o assunto nos primeiros segundos de cada episódio e dizer no que consistiu o conteúdo anterior pode ser de interesse daqueles que optarem por acompanhar apenas um episódio ou fazê-lo de maneira mais aleatória. Trata-se de um método que pode instigar a curiosidade do ouvinte pelas outras partes da série caso ele ache aquele único episódio ouvido seja interessante.

3.2. Memorial de Produção

Desde o ano de 2021, eu já sentia a ansiedade por estar terminando o curso. A simpatia do governo Bolsonaro com a ditadura militar, iniciada com um golpe em 1964, fez surgir a primeira ideia do tema. Ainda não sabia qual formato seria, mas queria fazer algo voltado para os jornais da época, questionar sua participação no golpe, as censuras, de que forma eles contavam histórias sobre o governo, entre outros tópicos. Com essa ideia em mente, ainda em 2021, no mês de outubro, entrei em contato com o professor Rogério Borges para pedir que ele fosse meu orientador de TCC em 2022. Depois disso, surgiu uma outra ideia: analisar um fato histórico que envolvesse dois ou mais países e compreender como os jornais desses países abordavam um mesmo acontecimento. Inicialmente, o acontecimento que eu tinha em mente era a “Crise dos Mísseis”, que aconteceu em 1962 e envolvia três países: Estados Unidos, União Soviética e Cuba. Ao iniciar as orientações, em fevereiro de 2022, apresentei minha nova ideia ao orientador.

Após algumas conversas, concluímos que seria mais interessante buscar um acontecimento mais recente e foi então que escolhi a “Guerra das Malvinas”, ocorrida em 1982. O formato, inicialmente, seria o *Longform*, uma grande reportagem multimídia, podendo conter textos, vídeos, animações e até mesmo

podcasts. Posteriormente, senti vontade de escrever um livro-reportagem sobre o assunto usando as minhas habilidades em design gráfico para fazer ilustrações, criando um livro informativo e divertido. Mesmo com as mudanças e escolhas feitas por mim, não conseguia me identificar com o tema e formato, fazendo com que eu ficasse desanimado. Apesar de eu ter escolhido o tema com a ajuda do professor Rogério, eu não me sentia à vontade com um tema tão complexo como a “Guerra das Malvinas”. Foi então que mudei completamente o tema do meu projeto.

Agora, eu falaria sobre os álbuns do Pink Floyd em que Roger Waters, baixista e compositor da banda, havia dominado as composições. Seria um livro-reportagem com o objetivo de contar curiosidades sobre as produções das obras, significados das músicas, buscando responder perguntas que eu, como fã, fazia quando conheci a banda. Algo completamente diferente dos outros temas que eu havia pensado anteriormente. Depois de definir esse tema, eu sentia muita dificuldade em desenvolver um livro sobre o assunto, mesmo (ou apesar de) eu gostando muito do Pink Floyd e suas canções. Acredito que essa dificuldade se deu por eu não ser um grande consumidor de livros, portanto, não tinha muitas referências de como escrever. Foi então que meu orientador sugeriu que eu produzisse um podcast, que é um formato em que a linguagem é direta e estaria mais relacionado com a temática: música.

Eu me identifiquei com o formato e cheguei a escrever dois roteiros com esse tema. As férias de julho chegaram e nesse período aconteceram algumas coisas na minha vida pessoal que me deixaram completamente desanimado de falar sobre algo relacionado a música. Eu sabia que se eu mudasse o tema do meu trabalho naquele momento, o tempo de produção seria muito curto. Em agosto, depois de voltar das férias, mais uma vez, houve uma mudança de tema. Tendo em vista que minha namorada é diagnosticada com TDAH e que isso já havia gerado atritos entre nós pelo meu desconhecimento sobre o assunto, resolvi produzir meu trabalho com esse tema para conscientizar outras pessoas.

Foram entrevistadas seis fontes no total: uma psiquiatra, uma psicóloga, uma psicopedagoga e três pessoas diagnosticadas com TDAH. Eu tinha a intenção de entrevistar os pais de alguma criança diagnosticada com o transtorno, mas tive dificuldade em encontrar uma fonte que atendesse esse requisito. Portanto, com o prazo curto, resolvi concluir o trabalho com os materiais que eu havia colhido das

seis entrevistas. Delas, eu consegui entrevistar pessoalmente três das pessoas ouvidas nos podcasts. As outras três pessoas foram entrevistadas via Whatsapp. Nessas situações, a fonte estava muito ocupada e não poderia me encontrar pessoalmente para uma entrevista. Usando o Whatsapp, elas conseguiram me atender. Considero que essa ferramenta veio para nos ajudar como jornalistas, e que deve, sim, ser utilizada. Durante a produção dos roteiros, minha ideia, com a sugestão do orientador, era de que eu não fosse dependente das fontes para passar a informação nos episódios. Busquei artigos e pesquisas sobre o transtorno e sobre outros podcasts que transitam no terreno da ciência e da medicina para trazer um embasamento teórico ao meu projeto. Os dados desses artigos e pesquisas foram usados para acrescentar informações científicas à série de podcasts, sempre com uma linguagem mais acessível e de fácil compreensão.

Alguns aspectos da minha vida pessoal afetaram a produção deste trabalho. Além de escrever e produzir o material teórico e prático, também estive estagiando na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás. Em tempos de eleição, houve dias que precisei quase que dar meu sangue em prol do trabalho ao mesmo tempo que precisava produzir para o trabalho de conclusão de curso. Eu sabia que o tempo era curto e não poderia postergar nada. Sempre que possível, mesmo em horário de trabalho, eu escrevia um pouco mais, pensava sobre a parte prática e teórica, buscava artigos, pesquisas e escrevia roteiros. Apesar de tudo isso, vejo que o esforço valeu a pena, ainda mais em um país em que não há para todos a oportunidade de ter uma graduação. Sinto-me privilegiado em estar chegando ao final de um curso superior.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia final desse trabalho, como já mencionado algumas vezes em tópicos anteriores, é de esclarecer e conscientizar sobre o transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Eu, como autor do projeto, admito que sabia que o TDAH não era somente sobre falta de atenção, mas não sabia dizer quais outros aspectos eram parte dessa patologia. Durante a construção deste trabalho, tive um grande aprendizado no que tange ao conhecimento sobre o transtorno, visto como algo invisível por não ser detectado facilmente por pessoas que não são especialistas em saúde mental.

Com o crescimento do gênero podcast no Brasil e no mundo, creio que, neste projeto, esse formato cumpriu seu papel com louvor. Cumpriu com a sua função principal dentro dos limites desse projeto, que é a de passar as informações com clareza e facilidade de entendimento. De forma alguma podemos impedir que a sociedade tenha acesso a informações tão importantes como dados e características de patologias. A compreensão desses elementos, que são parte do transtorno, nos ajudam a entender de que forma podemos incluir essas pessoas no âmbito da sociedade brasileira e mundial. Meu objetivo com esse trabalho não era revolucionar o conhecimento sobre TDAH, mas sim, quem sabe, lançar uma centelha no campo das ideias sobre uma temática que traz consigo diversos estereótipos e estigmas, levando esse importante conhecimento para as pessoas, tornando-o popular e fazendo com que portadores de TDAH que não sabem que possuem o transtorno possam ao menos ter uma luz a esse respeito, assim como uma faísca para que busquem ajuda. Ao final da quarta parte da série em podcast, menciono que se alguém se identificou com os sintomas descritos no decorrer dos episódios, que busque atendimento psiquiátrico, pois é possível ter boa qualidade de vida mesmo com TDAH. Existem tratamentos e hábitos que contribuem para uma vida de qualidade.

Podemos dizer que esse trabalho se enquadra no jornalismo científico. Esse tipo de jornalismo é de extrema importância, pois o papel dele é simplificar a linguagem científica para que todos tenham a oportunidade de entender a informação transmitida pelos meios de comunicação. Aqui, os termos técnicos da ciência são substituídos por uma linguagem clara e de fácil entendimento. O

jornalismo científico também pode abranger outras áreas da ciência, como a tecnologia, por exemplo. De acordo com Façanha e Alves (2017), transmitir a informação e o conhecimento científico com um discurso informal torna a ciência acessível e promove uma educomunicação, permitindo o direito ao conhecimento e à cidadania.

A pandemia da Covid-19 é um grande exemplo do emprego do jornalismo científico. De que forma transmitir informações tão complexas para a população mundial que é leiga no assunto? Foi um grande desafio para os meios de comunicação. Naturalmente, para um bom jornalismo científico, é necessário que o jornalista tenha pelo menos o conhecimento básico daquele assunto a ser tratado. É notório que grandes jornalistas tiveram que fazer essa adaptação para entender um pouco mais sobre farmácia, biologia e outros temas considerados científicos. Isso demanda do profissional mais esforços de pesquisa, seleção mais criteriosa de fontes e a compreensão do assunto, até em determinados detalhes, para que não parem dúvidas sobre o que está sendo transmitido. Isso inclui que o profissional, mesmo que de maneira repetitiva ou exaustiva, tire ele próprio suas dúvidas quanto ao tema junto a pessoas especializadas no assunto tratado. Isso é checagem e re Checagem da informação, marca de um jornalismo de qualidade e responsável.

Com toda essa necessidade de transmitir informações complexas, os aproveitadores divulgam suas *fake news* para causar pânico e o caos. Temos exemplos claros de pessoas importantes tanto do Brasil quanto em outras partes do mundo que usaram o período pandêmico para isso. Neste contexto de informações falsas, descontextualizadas ou mal compreendidas, o jornalismo científico entra em cena trazendo as informações verdadeiras com termos simples, de fácil entendimento e que atinjam o máximo de pessoas possível. Isso é muito importante para combater as notícias falsas que trazem muito prejuízo para as sociedades. Não é à toa que, no cristianismo, por exemplo, a mentira é considerada um pecado e a pessoa mentirosa tem como condenação a ida para o inferno após a morte. O assunto *fake news* está em alta há alguns anos justamente por estar sendo perceptível os danos causados por essa ação.

É comum temer a área do jornalismo científico, mas ela faz muito bem para o bom funcionamento das sociedades e traduz conhecimentos complexos para a linguagem simples sem tirar informações ou introduzir inverdades. É importante

sempre ressaltar a importância desse tipo de jornalismo como uma forma de contribuição para a disseminação do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRAME, Rudinei Luiz et al. Ouvindo crianças sobre sentidos e significados atribuídos ao TDAH. **Psicologia Escolar e Educacional**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015. v. 19, p. 557-565. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193899>. Acesso em: setembro de 2022.

BERTO, Elisângela de Fátima; Greggio, Saionara. **As Potencialidades do Gênero Podcast no Desenvolvimento e Aprimoramento da Habilidade de Compreensão Oral na Aprendizagem de Língua Inglesa**. Ilha do Desterro [online]. 2021, v. 74, n. 3, pp. 183-203. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-8026.2021.e79454>>. Epub 05 Jan 2022. ISSN 2175-8026. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2021.e79454>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

BRASIL. **Governo federal**. Rádio no Brasil comemora 100 anos junto com bicentenário da Independência. 8 de setembro 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/noticias/cultura-e-esporte/09/radio-no-brasil-comemora-100-anos-junto-com-o-bicentenario-da-independencia#:~:text=J%C3%A1%20a%20primeira%20emissora%20brasileira,principal%20prop%C3%B3sito%20promover%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 19 setembro de 2022.

COUTO, Taciana Souza; MELO-JUNIOR, Mario Ribeiro; GOMES, Cláudia Roberta Araújo. Aspectos neurobiológicos do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): uma revisão. **Ciências & Cognição**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. v. 15, n. 1, p. 241-251. Disponível em: <http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/202>. Acesso em: setembro de 2022

FAÇANHA, Alessandro Augusto Barros; ALVES, Flavia Chini. Popularização das ciências e jornalismo científico: possibilidades de alfabetização científica. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, Belém, v. 13, n. 26, p. 41-55, jul. 2017. ISSN 2317-5125. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/4283/4347>. Acesso em: 25 nov. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazrecm.v13i26.4283>.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **O Podcast como Gênero Jornalístico**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Belém/PA: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019. v. 1367-1, p. 1-14. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em: setembro de 2022.

FONSECA, Ana Carolina. **Brasil se consolida como o segundo maior mercado de podcasts do mundo**. Correio Braziliense, 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2019/11/02/interna_tecn

[ologia,803272/brasil-se-consolida-como-o-segundo-maior-mercado-de-podcasts-do-mundo.shtml](https://doi.org/10.803272/brasil-se-consolida-como-o-segundo-maior-mercado-de-podcasts-do-mundo.shtml). Acessado em: setembro de 2022.

FREITAS, Michelli. Dados estatísticos do TDAH. In: **Instituto de Educação e Análise do Comportamento**. Goiânia, s/d. Disponível em: [Dados Estatísticos do TDAH – Blog do IEAC](#). Acessado em ago. 2022.

GOMES DE MATOS, Evandro; GOMES DE MATOS, Thania Mello; GOMES DE MATOS, Gustavo Mello. A importância e as limitações do uso do DSM-IV na prática clínica. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 2005. v. 27, p. 312-318. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082005000300010>. Acessado em: setembro de 2022.

GOMES, Marcelo et al. Conhecimento sobre o transtorno do déficit de atenção/hiperatividade no Brasil. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007., v. 56, p. 94-101. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000200004>. Acesso em: setembro de 2022.

GRAEFF, Rodrigo Linck; VAZ, Cícero E. Avaliação e diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). **Psicologia USP**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. v. 19, p. 341-361. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000300005>. Acesso em: setembro de 2022.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

LOPES, Regina Maria Fernandes; DO NASCIMENTO, Roberta Fernandes Lopes; BANDEIRA, Denise Ruschel. Avaliação do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade em adultos (TDAH): uma revisão de literatura. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**,. La Rioja (Espanha): Universidad de La Rioja, 2005. v. 4, n. 1, p. 65-74.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Caxias do Sul/RS: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010. v. XXX, p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0302-1.pdf>. Acessado em: setembro de 2022.

MACEDO et al. O Podcast Como Ferramenta Jornalística. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Ouro Preto/MG: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste , 2012. v. XX, p. 1-10. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1054-1.pdf>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

MATTOS, Paulo; COUTINHO, Gabriel. Qualidade de vida e TDAH. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Rio de Janeiro: Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ), v. 56, p. 50-52, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000500011>. Acesso em: setembro de 2022.

MARTINHAGO, Fernanda; CAPONI, Sandra. TDAH em crianças e adolescentes: estudo com professores em uma escola pública do Sul do Brasil. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. v. 11, n. 30, p. 78-98. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Martinhago/publication/343477272_TDAH_em_crianças_e_adolescentes_estudo_com_professores_em_uma_escola_publica_do_sul_do_Brasil/links/5f2bf82e299bf13404a67211/TDAH-em-crianças-e-adolescentes-estudo-com-professores-em-uma-escola-publica-do-sul-do-Brasil.pdf. Acesso em: setembro de 2022.

Podpesquisa: 2019-2020. **Associação Brasileira de Podcasters**. v. 11, 2019. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-2019-Resultados.pdf>. Acesso em: setembro de 2022.

Podpesquisa produtores: 2020-2021. **Associação Brasileira de Podcasters**. v. 1, 2021. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultado-ATUALIZADO.pdf. Acesso em: setembro de 2022.

VERA, Cleiva Flávia Diniz et al. Transtornos De Aprendizagem E Presença De Respiração Oral Em Indivíduos Com Diagnóstico De Transtorno S De Déficit De Atenção / Hiperatividade (TDAH). **Revista CEFAC**. São Paulo: CEFAC - Saúde e Educação, 2006, v. 8, n. 4, p. 441-455. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462006000400005>. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

ANEXOS

Anexo 1 - Autorização do RAG



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 861 CEP 71605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3516.3061 ou 3839 | Fax: (62) 3946.3880
www.pucgoias.edu.br | prd@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n° 038/2020 -- CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Lourenço Lopes de Campos Francisco
do Curso de Journalismo, matrícula 20191012300516
telefone: 62 994000018 e-mail: LOPELUSCARNE@GMAIL.COM, na
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos
do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o
Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
Reportagem Mais que Citocinas

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões
do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado
(Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG,
MOV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a
título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 25 de novembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es): Lourenço L. de C. Francisco

Nome completo do autor: Lourenço Lopes de Campos Francisco

Assinatura do professor-orientador: Rogério Pereira Borges

Nome completo do professor-orientador: Rogério Pereira Borges

Anexo 2 - Roteiros

ROTEIRO 1 | NÃO É SÓ FALTA DE ATENÇÃO

TEC1: SOBE BG

LOC1: OI! MEU NOME É LUCAS AMPARO E ESSE É O PRIMEIRO EPISÓDIO DO **MAIS QUE ATENÇÃO.**

TEC2: AUMENTA BG | ABAIXA BG

LOC2: AQUI VAMOS ESCLARECER E CONSCIENTIZAR SOBRE O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE, O TDAH QUE, SEGUNDO ESTUDIOSOS E PESQUISADORES, ACOMETE DE TRÊS A SETE POR CENTO DA POPULAÇÃO MUNDIAL, INCLUINDO CRIANÇAS E ADULTOS.

TEC3: AUMENTA BG | ABAIXA BG

LOC3: DURANTE ESSA SÉRIE DE QUATRO EPISÓDIOS, VAMOS CONVERSAR COM PESSOAS QUE DE ALGUMA FORMA POSSUEM LIGAÇÃO COM O TDAH. PSQUIATRAS, PSICÓLOGOS, PESSOAS DIAGNOSTICADAS E PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO. NO EPISÓDIO DE HOJE, VAMOS ESCLARECER QUE TDAH NÃO É APENAS FALTA DE ATENÇÃO.

TEC4: PARAR SUTILMENTE O BG

LOC4: EXISTE UM SENSO COMUM DE QUE O TDAH TEM COMO SINTOMA APENAS A DESATENÇÃO. MAS, SEGUNDO O DSM, UM MANUAL USADO PARA ORIENTAR PSQUIATRAS EM DIAGNÓSTICOS DE TRANSTORNOS MENTAIS, A DIFICULDADE EM PRESTAR ATENÇÃO É ACOMPANHADA PELA HIPERATIVIDADE E PELA IMPULSIVIDADE. A PSQUIATRA DOUTORA VERÔNICA SOARES FALOU SOBRE O ASSUNTO.

VERÔNICA1: (00:00) “TDAH É MUITO MAIS... (01:05)...DESINTERESSADA OU IRRESPONSÁVEL”

LOC5: A PSICÓLOGA KATÍCIA GUIMARÃES COMENTA QUE O DSM CINCO CLASSIFICA O TDAH COMO UM TRANSTORNO DO DESENVOLVIMENTO E QUE EXISTEM MAIS DE UM TIPO.

KATÍCIA1: “(0:09) LÁ NO DSM CINCO É CLASSIFICADO COMO UM TRANSTORNO DO DESENVOLVIMENTO. E HÁ TRÊS TIPOS DE TDAH QUE É O PREDOMINANTEMENTE DESATENTO, OS PREDOMINANTEMENTE HIPERATIVO-IMPULSIVOS E O TERCEIRO TIPO É A COMBINAÇÃO DESSES DOIS QUADROS, EM QUE A PESSOA APRESENTA CARACTERÍSTICAS DE DESATENÇÃO E HIPERATIVIDADE-IMPULSIVIDADE. (0:32)”

LOC6: GABRIELY LUZINI, QUE TEM 20 ANOS E É ESTUDANTE DE PSICOLOGIA, RELATA COMO ELA COMEÇOU A DESCONFIAR DE QUE ERA PORTADORA DO TRANSTORNO DE TDAH.

GABRIELY1: “(6:43) EU ME VI FRACASSANDO EM UMA DAS MATÉRIAS QUE EU MAIS GOSTAVA, GEOGRAFIA. A MINHA SEGURANÇA ERA SABER QUE EU ERA BOA NAS ÁREAS DE HUMANAS E LINGUAGENS. E AÍ, EU VI QUE EU COMECEI

A ME SAIR MUITO MAL EM GEOGRAFIA E GEOPOLÍTICA. E AÍ EU FIQUEI DE RECUPERAÇÃO PELA PRIMEIRA VEZ NA MINHA VIDA E FOI DEVASTADOR. (8:04)” 1:05

LOC7: A CIENTISTA POLÍTICA LUDMILA ROSA, DE 34 ANOS, FOI DIAGNOSTICADA COM O TRANSTORNO NA ADOLESCÊNCIA E RELATA OS SINTOMAS QUE ELA APRESENTAVA ANTES MESMO DE TER QUALQUER DIAGNÓSTICO.

LUDMILA1: “(0:30) EU FUI UMA CRIANÇA QUE TEVE MUITOS PROBLEMAS COM A ESCOLA EM SEU MODELO TRADICIONAL. EU ERA MUITO ACELERADA, MUITO HIPERATIVA, MEU AVÔ E MINHA AVÓ DIZIAM QUE EU ERA UMA CRIANÇA MUITO ESPERTA. ENTÃO EU ACHAVA A ESCOLA UM TANTO TEDIOSA. EU ME LEMBRO DISSO PORQUE EU APRENDIA COM MUITA FACILIDADE, LEVANTAVA DA CADEIRA E IA FICAR COM OS MEUS COLEGAS E ISSO GERAVA MUITO RUÍDO DENTRO DAS ESCOLAS. (1:00)” 0:30

LOC8: A HIPERATIVIDADE DENTRO DO TDAH PODE SER ENTENDIDA COMO UMA FORTE INQUIETAÇÃO, COMO SE AS CRIANÇAS ESTIVESSEM LIGADAS NA TOMADA, CHEIAS DE ENERGIA. A PSICOPEDAGOGA PATRÍCIA NEIVA DOS SANTOS, QUE É PROFESSORA HÁ 20 ANOS, COMENTOU QUE A ESCOLA É UM AMBIENTE PROPÍCIO PARA QUE OS ESTUDANTES COM TDAH TENHAM MAIS DIFICULDADE.

PATRÍCIA1: “(00:00) AS MAIORES DIFICULDADES QUE UMA CRIANÇA COM TDAH PODE ENFRENTAR É A DIFICULDADE DAQUELA ROTINA ESCOLAR VIR DE ENCONTRO COM A FORMA QUE ELA TEM DE APRENDER. JÁ É COMPLICADO QUANDO ELA CHEGA EM UMA ESCOLA, TEREM ESSA IDENTIFICAÇÃO DESSE TRANSTORNO, A PARTIR DAÍ JÁ TEM A DIFICULDADE

DE PASSAR ESSE TRANSTORNO, A COMUNICAR A FAMÍLIA ESSA OBSERVAÇÃO, A PEDIR ESSE LEVANTAMENTO DESSA AVALIAÇÃO. A PARTIR DAÍ, TRABALHAR COM AS CRIANÇAS COM OS RECURSOS QUE EXISTEM NESSE AMBIENTE. (0:51)” 0:51

TEC5: COLOCA BG PARA A PRÓXIMA FALA

LOC9: NA DÉCADA DE SESENTA, A HIPERATIVIDADE ERA O SINTOMA QUE RECEBIA MAIS DESTAQUE ENTRE OS PESQUISADORES QUANDO O ASSUNTO ERA O TRANSTORNO. A PARTIR DE UM ESTUDO FEITO PELA PESQUISADORA VIRGÍNIA DOUGLAS E SEUS ALUNOS DA UNIVERSIDADE DE MCGILL, NO CANADÁ, O DISTÚRBO DE REAÇÃO HIPERCINÉTICA DA CRIANÇA - NOMENCLATURA USADA NA ÉPOCA - PASSOU A SE CHAMAR DISTÚRBO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO, COMO INDICA A TERCEIRA VERSÃO DO DSM.

TEC6: PARAR BG

LOC10: A CECÍLIA SAMPAIO, 20 ANOS, ESTUDANTE DIAGNOSTICADA COM TDAH, RELATA QUE PARA FAZER O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO, O ENEM, FOI MUITO DIFÍCIL.

CECÍLIA1: “(7:44) FOI UM CAOS PORQUE ERAM MUITAS QUESTÕES E VOCÊ PRESTAR ATENÇÃO PIAMENTE NAQUILO... E ERAM VÁRIAS COISAS EXTERNAS, ERA O BARULHO DAS PESSOAS AO MEU LADO E EU FICAVA TIPO ASSIM: GENTE O QUE EU TÔ FAZENDO? NO DIA DE HUMANAS EU FUI OK E NO DIA DE EXATAS EU CHEGUEI A PASSAR MAL E FUI EMBORA, TIPO ASSIM, EU NÃO CHEGUEI A LER TODAS AS QUESTÕES. (8:17)” 0:33

LOC11: A PSICÓLOGA KATÍCIA GUIMARÃES ALERTA QUE APESAR DA NOMENCLATURA DO TDAH UTILIZAR A PALAVRA DÉFICIT, ISSO NÃO SIGNIFICA QUE OS PORTADORES DO TRANSTORNO SEJAM INCAPAZES DE PRESTAR ATENÇÃO OU DE CONTROLAR SEUS IMPULSOS.

KATÍCIA2: “(0:33) EU ACREDITO SER IMPORTANTE ESCLARECER QUE APESAR DA PALAVRA DÉFICIT ESTAR NO NOME DO TRANSTORNO, NÃO QUER DIZER QUE A PESSOA NÃO TENHA CAPACIDADE DE MANTER A ATENÇÃO E A MEMÓRIA E NEM QUE ELA NÃO TENHA A CAPACIDADE DE CONTROLAR SEUS IMPULSOS MAS ELA TEM UMA DIFICULDADE MAIOR DE FAZÊ-LO DIANTE DOS ESTÍMULOS. SÃO DISFUNÇÕES LIGADAS À ATENÇÃO, MEMÓRIA, PERCEPÇÃO, LINGUAGEM, RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS, INTERAÇÕES SOCIAIS. (1:14)” 0:41

TEC7: COLOCA BG PARA A PRÓXIMA FALA

LOC12: APESAR DO TDAH SER MAIS PERCEPTÍVEL EM CRIANÇAS, ELE PERSISTE NA VIDA ADULTA. EM UM ESTUDO CHAMADO QUESTIONÁRIO DE QUALIDADE DE VIDA EM ADULTOS COM TDAH, FOI POSSÍVEL OBSERVAR QUE ESSAS PESSOAS POSSUEM MAIOR TAXA DE DESEMPREGO, DE DIVÓRCIOS E MENOR RENDA MÉDIA SE FOREM COMPARADOS A INDIVÍDUOS NÃO-PORTADORES DO TRANSTORNO. ALÉM DISSO, OS ADULTOS COM TDAH PODEM TER DIFICULDADE NA VIDA PROFISSIONAL, FALTA DE ORGANIZAÇÃO E DISCIPLINA, DIFICULDADE EM CUMPRIR COMPROMISSOS, BAIXA AUTOESTIMA, DEPRESSÃO, DIFICULDADE EM APRESENTAR SUAS IDEIAS COM CLAREZA E ALTO CONSUMO DE ÁLCOOL E ABUSO DE SUBSTÂNCIAS.

TEC8: PARA O BG

VERÔNICA2: (00:00) NA MAIORIA DAS VEZES... (01:09)... COMO POR EXEMPLO, O SUICÍDIO

LOC13: É IMPORTANTE RESSALTAR QUE TDAH NÃO SE TRATA DE UMA INDISCIPLINA POR PARTE DAS CRIANÇAS OU DESLEIXO POR PARTE DOS ADULTOS. É UMA PATOLOGIA QUE NECESSITA DE TRATAMENTO PARA QUE AS PESSOAS ACOMETIDAS PELO TRANSTORNO POSSAM VIVER COM UMA BOA QUALIDADE DE VIDA.

TEC9: VOLTA O BG PARA A PRÓXIMA FALA

LOC14: NO PRÓXIMO EPISÓDIO FALAREMOS SOBRE OS DESAFIOS QUE AS PESSOAS COM TDAH ENFRENTAM NO DIA A DIA. TE ESPERO LÁ!

ROTEIRO 2 | DIA A DIA

TEC1: SOBE BG

LOC1: OI! MEU NOME É LUCAS AMPARO E ESTE É O PRIMEIRO EPISÓDIO DO **MAIS QUE ATENÇÃO.**

TEC2: AUMENTA BG | ABAIXA BG

LOC2: AQUI VAMOS ESCLARECER E CONSCIENTIZAR SOBRE O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE, O TDAH QUE, SEGUNDO ESTUDIOSOS E PESQUISADORES, ACOMETE DE TRÊS A SETE POR CENTO DA POPULAÇÃO MUNDIAL, INCLUINDO CRIANÇAS E ADULTOS.

TEC3: AUMENTA BG | ABAIXA BG

LOC3: DURANTE ESSA SÉRIE DE QUATRO EPISÓDIOS, ESTAMOS CONVERSANDO COM PESSOAS QUE DE ALGUMA FORMA POSSUEM LIGAÇÃO COM O TDAH. PSQUIATRAS, PSICÓLOGOS, PESSOAS DIAGNOSTICADAS E PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO. NO EPISÓDIO DE HOJE, VAMOS FALAR SOBRE O DIA A DIA DE UMA PESSOA PORTADORA DO TDAH.

TEC4: PARAR SUTILMENTE O BG

LOC4: NO EPISÓDIO ANTERIOR FALAMOS SOBRE COMO O TDAH É UM TRANSTORNO QUE ABRANGE MAIS ELEMENTOS DO QUE O SENSO COMUM PENSA. ALÉM DA DESATENÇÃO, O TRANSTORNO TAMBÉM PODE TER COMO SINTOMA A HIPERATIVIDADE E A IMPULSÃO. ISSO GERA REFLEXOS NO DIA A DIA DAS PESSOAS DIAGNOSTICADAS, QUE TÊM DIFICULDADES MAIORES DO QUE AQUELAS PESSOAS QUE NÃO SÃO PORTADORAS DO TRANSTORNO. NA ESCOLA, A HIPERATIVIDADE E A DESATENÇÃO FICAM MUITO EVIDENTES NAS CRIANÇAS. A CIENTISTA POLÍTICA LUDMILA ROSA, DE 34 ANOS, DIAGNOSTICADA COM TDAH, COMENTA QUE O ENSINO NÃO É PREPARADO PARA RECEBER ALUNOS PORTADORES DE TRANSTORNOS.

LUDMILA1: “(19:29) O PADRÃO TRADICIONAL JÁ CONSOLIDADO, ELE NÃO CONTA COM NENHUM DESVIO DE PERCURSO. ELE É AQUILO ALI. DESVIO DE PERCURSO QUE EU FALO É UMA CRIANÇA NEUROATÍPICA, QUE NÃO APRENDE NO PRAZO DOS DE MAIS, QUE NÃO TEM UM COMPORTAMENTO ASSIM TÃO PREVISÍVEL QUANTO OS DE MAIS, E É ÓBVIO QUE A GENTE NÃO PODE LANÇAR TODA A RESPONSABILIDADE ÀS ESCOLAS E AOS PROFESSORES PORQUE ELES ESTÃO ALI NA PONTA, OPERANDO O SISTEMA DE ENSINO E APRENDIZAGEM. (20:14)” 0:45

LOC5: A PSICOPEDAGOGA PATRÍCIA NEIVA DOS SANTOS, PROFESSORA HÁ 20 ANOS, COMENTA DE QUE FORMA OS PROFESSORES PODEM AUXILIAR AQUELES ALUNOS COM TDAH.

PATRÍCIA1: “(0:08) TER CONHECIMENTO DESSES SINTOMAS, SABER REALMENTE QUAIS SÃO OS SINTOMAS OU QUAIS SÃO OS COMPORTAMENTOS QUE UMA CRIANÇA COM TDAH APRESENTA. A PARTIR DA IDENTIFICAÇÃO, DO CONHECIMENTO DESSAS CARACTERÍSTICAS DESTE COMPORTAMENTO, O PROFESSOR PODE DAÍ AJUDAR A IDENTIFICAR. IDENTIFICOU, VIU QUE ESSA CRIANÇA JÁ ENCAMINHOU PARA FAZER UM DIAGNÓSTICO, UMA AVALIAÇÃO CORRETA, PROMOVER EM SALA DE AULA UMA ROTINA. FAVORECER UMA ROTINA PARA QUE ELE POSSA FAZER AS ATIVIDADES PROPOSTAS. QUANDO ELE DESENVOLVE ESSAS ATIVIDADES, DAR UM FEEDBACK COM REFORÇOS POSITIVOS, COM INCENTIVO, PARA QUE ESSA CRIANÇA SE SINTA SEGURA E ESTIMULADA A APRENDER, INTERESSADA EM APRENDER, NÉ? ESTIMULAR ESSA CRIANÇA A FAZER AMIZADES E RESPEITAR O TEMPO DELA. (1:04)”

TEC5: VOLTA BG PARA O PRÓXIMO LOC COM INFORMAÇÃO

LOC6: O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, EM UMA PESQUISA FEITA EM DOIS MIL E DEZESSEIS NOS ESTADOS UNIDOS, ESTIMOU QUE SEIS VÍRGULA UM MILHÕES DE PESSOAS COM IDADE ENTRE DOIS E DEZESSETE ANOS NAQUELE PAÍS TINHAM DIAGNÓSTICO DE TDAH. DESSES INDIVÍDUOS, SESENTA E DOIS PORCENTO TOMAVAM REMÉDIOS COMO FORMA DE TRATAMENTO E QUARENTA E SETE PORCENTO PASSAVAM POR INTERVENÇÕES COMPORTAMENTAIS. A PROFESSORA PATRÍCIA ALERTA QUE UM GRANDE DESAFIO ENFRENTADO PELOS EDUCADORES É A ACEITAÇÃO E A COMPREENSÃO DA FAMÍLIA.

TEC6: PARA BG

PATRÍCIA2: “(1:47) PARA QUE ESSA CRIANÇA POSSA TER A OPORTUNIDADE DE SE DESENVOLVER MELHOR, TER GARANTIDO ALI OS ATENDIMENTOS QUE ELA TEM DIREITO, QUE ELA NECESSITA PARA DESENVOLVER UMA APRENDIZAGEM MELHOR E MUITAS VEZES A FAMÍLIA SE OMITTE NISSO. A ESCOLA, O PROFESSOR TEM O SEU PAPEL, TEM A SUA FUNÇÃO, SIM. MAS É UM TRABALHO CONJUNTO COM A FAMÍLIA. MUITAS VEZES O PROFESSOR IDENTIFICA, LEVANTA A HIPÓTESE, PEDE PARA SER ENCAMINHADA A CRIANÇA PARA UMA AVALIAÇÃO, NÉ? E A FAMÍLIA NÃO FAZ. A FAMÍLIA MUITAS VEZES SE NEGA A ACEITAR E MUITAS VEZES ATÉ ACEITA MAS NÃO BUSCA E NÃO DÁ A DEVIDA IMPORTÂNCIA. NÃO LEVA AOS MÉDICOS, AOS ESPECIALISTAS QUE PODEM FAZER ESSE DIAGNÓSTICO, NÃO SEGUEM, NÃO DÃO A CRIANÇA O DIREITO QUE ELA TEM DE SER LEVADA A UM TRATAMENTO E A UM ACOMPANHAMENTO. (2:51)” 1:04

LOC7: LUDMILA COMENTA QUE DEBATER COM OS GESTORES QUE CUIDAM DA EDUCAÇÃO É NECESSÁRIO PARA A CRIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS QUE ATENDAM ÀS CRIANÇAS QUE PRECISAM DE INCLUSÃO.

LUDMILA2: “(20:14) A GENTE TEM QUE TRAZER PARA O DEBATE E CHAMAR A RESPONSABILIDADE DOS GESTORES QUE PENSAM A EDUCAÇÃO, QUE PENSAM COMO VOCÊ VAI GARANTIR QUALIDADE NO ENSINO ATÉ PARA ESSAS CRIANÇAS QUE PRECISAM DE INCLUSÃO (20:34)” 0:20

LOC8: HÁ QUASE CEM ANOS O TDAH É TRATADO EM CRIANÇAS, MAS HÁ ALGUMAS DÉCADAS FOI POSSÍVEL PERCEBER QUE O TRANSTORNO CONTINUA NA FASE ADULTA. EM DOIS MIL E CINCO HAVIA UMA ESTIMATIVA DE QUE SESSENTA A SETENTA PORCENTO DAS CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TDAH NA INFÂNCIA MANTINHAM A CONDIÇÃO NA VIDA ADULTA. ENTRE OS ADULTOS DIAGNOSTICADOS, EXISTE UMA

INCLINAÇÃO MAIOR AO USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS. A PSQUIATRA DOUTORA VERÔNICA SOARES ESCLARECE ESTE FENÔMENO.

VERÔNICA1: (00:00) É VERDADE SIM... (01:56) ...ENTÃO NÃO COMPENSA

LOC9: JÁ EXISTEM ESTUDOS QUE APONTAM PARA OS SINTOMAS DO TDAH EM PESSOAS ADULTAS. ENTRE ESSES SINTOMAS ESTÃO A DIFICULDADE EM SE RELACIONAR COM OUTRAS PESSOAS, A DESORGANIZAÇÃO, AS DIFICULDADES NA VIDA PROFISSIONAL, BAIXA AUTOESTIMA, DEPRESSÃO E A DIFICULDADE DE APRESENTAR SUAS IDEIAS COM CLAREZA. A PSICÓLOGA KATÍCIA GUIMARÃES APONTA QUE É NECESSÁRIO FORTALECER O EGO FRAGILIZADO DESSAS PESSOAS.

KATÍCIA1: “(2:52) ELENCAR AS POTENCIALIDADES, AS HABILIDADES, FORTALECER AQUELES COMPORTAMENTOS ASSERTIVOS PARA DEPOIS PENSARMOS EU E O MEU PACIENTE JUNTOS, SOBRE SUAS FRAGILIDADES, QUAIS SÃO AS PRIORIDADES, QUAIS COMPORTAMENTOS PRECISAM SER ESTIMULADOS E COMO FAZER ISSO. (3:18)”

LOC10: KATÍCIA ALERTA, AINDA, QUE É IMPORTANTE NÃO REDUZIR UM PACIENTE A UM QUADRO CLÍNICO.

KATÍCIA2: “(00:02) EU ACREDITO QUE É VÁLIDO TRAZER ESSA REFLEXÃO AOS OUVINTES DE NÃO REDUZIR UMA PESSOA AO QUADRO CLÍNICO. O DIAGNÓSTICO É IMPORTANTE PARA O AUTOCONHECIMENTO E PARA A ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS (0:16). (0:47) QUANDO É ENVOLVENDO A SAÚDE MENTAL, JÁ HÁ A ROTULAÇÃO, O ESTIGMA, O PRECONCEITO... ENTÃO, UMA CONDIÇÃO CLÍNICA NÃO DEVE REDUZIR A PESSOA. (0:59)”

LOC11: É IMPORTANTE RESSALTAR QUE TDAH NÃO SE TRATA DE UMA INDISCIPLINA POR PARTE DAS CRIANÇAS OU DESLEIXO POR PARTE DOS ADULTOS. É UMA PATOLOGIA QUE NECESSITA DE TRATAMENTO PARA QUE AS PESSOAS ACOMETIDAS PELO TRANSTORNO POSSAM TER UMA BOA QUALIDADE DE VIDA.

TEC7: VOLTA O BG PARA A PRÓXIMA FALA

LOC12: NO PRÓXIMO EPISÓDIO, FALAREMOS SOBRE O TDAH NA INFÂNCIA. ATÉ LÁ!

ROTEIRO 3 | VIDA INFANTIL

TEC1: SOBE BG

LOC1: OII! MEU NOME É LUCAS AMPARO E ESSE É O TERCEIRO EPISÓDIO DO **MAIS QUE ATENÇÃO.**

TEC2: AUMENTA BG | ABAIXA BG

LOC2: AQUI VAMOS ESCLARECER E CONSCIENTIZAR SOBRE O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE, O TDAH QUE, SEGUNDO ESTUDIOSOS E PESQUISADORES, ACOMETE DE TRÊS A SETE POR CENTO DA POPULAÇÃO MUNDIAL, INCLUINDO CRIANÇAS E ADULTOS.

TEC3: AUMENTA BG | ABAIXA BG

LOC3: DURANTE ESSA SÉRIE DE QUATRO EPISÓDIOS, VAMOS CONVERSAR COM PESSOAS QUE DE ALGUMA FORMA POSSUEM LIGAÇÃO COM O TDAH. PSQUIATRAS, PSICÓLOGOS, PESSOAS DIAGNOSTICADAS E PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO. NO EPISÓDIO DE HOJE, VAMOS ESCLARECER QUE TDAH NÃO É APENAS FALTA DE ATENÇÃO.

TEC4: PARAR SUTILMENTE O BG

LOC4: NO EPISÓDIO ANTERIOR, CONVERSAMOS SOBRE AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PORTADORES DE TDAH NO DIA A DIA. TAMBÉM FALAMOS SOBRE A NECESSIDADE DOS GESTORES PENSAREM POLÍTICAS PÚBLICAS QUE ATENDAM ESSAS PESSOAS. NESTE EPISÓDIO, FALAREMOS SOBRE O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NA FASE INFANTIL. NA INFÂNCIA, O TDAH PODE SE MANIFESTAR DE VÁRIAS MANEIRAS, MAS É IMPORTANTE ESTAR ATENTO. EM UM PRIMEIRO MOMENTO, O COMPORTAMENTO DE UMA CRIANÇA COM TDAH PODE SER O NORMAL, MAS OS COMPORTAMENTOS SÃO MAIS INTENSOS DO QUE OS DE UMA CRIANÇA NÃO PORTADORA DO TRANSTORNO. A PSIQUIATRA DOUTORA VERÔNICA SOARES COMENTOU SOBRE A INFLUÊNCIA DO TDAH NA VIDA DAS CRIANÇAS PORTADORAS DO TRANSTORNO.

VERÔNICA1: (00:00) UMA CRIANÇA COM TDAH... (01:23) ...TENDO UM COMPORTAMENTO MAIS AGRESSIVO

TEC5: COMEÇA BG

LOC5: ESSES SINTOMAS, SEM UM ACOMPANHAMENTO, PODEM PREJUDICAR AS ATIVIDADES ESCOLARES DA CRIANÇA. A PSICOPEDAGOGA PATRÍCIA NEIVA DOS SANTOS RELATOU ALGUNS DOS SINTOMAS QUE PODEM SER FREQUENTES NO COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS PORTADORAS DO TRANSTORNO.

PATRÍCIA1: (00:00) “O TIPO DE COMPORTAMENTO QUE UMA CRIANÇA COM O TRANSTORNO TDAH PODE APRESENTAR, NA GRANDE MAIORIA É AGITAÇÃO, INQUIETAÇÃO, MOVIMENTAÇÃO PELO AMBIENTE ONDE ELA SE ENCONTRA, MEXEM MÃOS, MEXEM PÉS, MEXEM VÁRIOS OBJETOS, NÃO CONSEGUEM FICAR QUIETOS, NÉ? NÃO CONSEGUEM PERMANECER ATENTOS EM ATIVIDADES, PODEM SER LONGAS OU AS VEZES ATÉ MESMO CURTAS. SÃO FACILMENTE DISTRAÍDOS, SÓ QUE EM MUITAS SITUAÇÕES, O

COMPORTAMENTO QUE ESSA CRIANÇA APRESENTA É JUSTAMENTE DE SER MUITO QUIETA” (0:40)

LOC6: A ESTUDANTE CECÍLIA SAMPAIO FOI DIAGNOSTICADA COM O TRANSTORNO NA INFÂNCIA E COMENTOU SOBRE AS DIFICULDADES ENFRENTADAS NO AMBIENTE ESCOLAR.

CECÍLIA1: (0:57) “FUI NA NEUROLOGISTA INFANTOJUVENIL E ALI EU FUI DIAGNOSTICADA AOS 8 ANOS. E AÍ MINHA MÃE, ELA FALA QUE TIPO ASSIM, ELA FICOU MUITO NERVOSA POR QUE ATÉ ENTÃO NÃO SABIA COMO LIDAR, EU ERA DE UMA CIDADE DO INTERIOR, AS ESCOLAS SABIAM MUITO POUCO SOBRE ISSO. ENTÃO TIPO, ELA AVISOU NA ESCOLA E FALOU VAMOS VER O QUE SEGUE DAQUI. MAS É MUITO DE ADAPTAÇÃO. A ESCOLA QUE EU TAVA NAQUELE MOMENTO NÃO ERA A ESCOLA IDEAL PARA ISSO E EU DESCOBRI ISSO, O QUE? QUATRO ANOS DEPOIS DO DIAGNÓSTICO EU TROQUEI DE ESCOLA E AÍ EU VI: PUTZ, TER ALGUÉM QUE ENTENDE O QUE VOCÊ TEM É COMPLETAMENTE DIFERENTE. PORQUE ALI OS PROFESSORES DAVAM AULA PARA MIM E PARA OUTROS TRINTA ALUNOS, SE APRENDIA, APRENDIA E SE NÃO APRENDIA, NÃO APRENDIA.” (1:43)

TEC6: VOLTA BG

LOC7: SEGUNDO O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, A ACADEMIA AMERICANA DE PEDIATRIA RECOMENDA A INTERVENÇÃO MEDICAMENTOSA E COMPORTAMENTAL PARA INDIVÍDUOS COM SEIS ANOS DE IDADE OU MAIS. JÁ PARA INDIVÍDUOS COM IDADE MENOR DO QUE SEIS ANOS, A INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL É MELHOR RECOMENDADA. A DOUTORA VERÔNICA SOARES COMENTOU SOBRE A IMPORTÂNCIA DO TRATAMENTO PARA O TRANSTORNO.

TEC7: PARA BG

VERÔNICA2: (00:00) O PRIMEIRO PASSO PARA... (3:13) ...E ESTIMULAÇÃO MAGNÉTICA TRANSCRANIANA

LOC8: UMA PESQUISA DE DOIS MIL E DEZESSEIS ESTIMOU QUE SEIS VÍRGULA UM MILHÕES DE PESSOAS COM IDADE ENTRE DOIS E DEZESSETE ANOS TINHAM O DIAGNÓSTICO DE TDAH NOS ESTADOS UNIDOS. DESSES INDIVÍDUOS, SESENTA E DOIS PORCENTO TINHAM A INTERVENÇÃO MEDICAMENTOSA COMO TRATAMENTO E QUARENTA E SETE PORCENTO TINHAM A INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL. PATRÍCIA NEIVA DOS SANTOS EXPLICA QUAL É A MELHOR FORMA DE ACOLHER AS CRIANÇAS PORTADORAS DO TRANSTORNO NO AMBIENTE ESCOLAR.

PATRÍCIA2: (00:00) “A MELHOR FORMA, EM PRIMEIRO LUGAR, DE ACOLHER ESSAS CRIANÇAS NO AMBIENTE ESCOLAR, É RESPEITANDO ESSAS CRIANÇAS COMO CRIANÇAS QUE SÃO. INDEPENDENTE DE TEREM OU NÃO TDAH. RESPEITANDO O FATO DELAS SEREM, ALI, PROTAGONISTAS NA CONSTRUÇÃO DO SEU CONHECIMENTO. É VER E RESPEITAR ESSA CRIANÇA COM TDAH COMO CENTRO DO PLANEJAMENTO. PENSAR, PLANEJAR, OPORTUNIZAR APRENDIZAGENS PRA ELA, RESPEITANDO SUAS DIFERENÇAS MAS DEIXANDO BEM CLARO QUE ELAS FAZEM PARTE DESTE AMBIENTE E QUE ESSE AMBIENTE ESTÁ ALI PRA ELAS E POR ELAS.” (0:41)

LOC9: A ESTUDANTE GABRIELY LUZINI, QUE É DIAGNOSTICADA COM TDAH, COMEÇOU A PERCEBER OS SINTOMAS NA SUA ADOLESCÊNCIA E TEVE MUITA DIFICULDADE NO AMBIENTE ESCOLAR. TENDO COMO BASE SUA EXPERIÊNCIA DE VIDA, ELA CLASSIFICOU ESSE PERÍODO COMO UMA CRISE DE TDAH.

GABRIELY1: (14:45) “EU TIVE CONTATO COM MEDICAMENTO MUITO CEDO, MEDICAMENTO PARA ANSIEDADE MUITO CEDO PRA PODER DIZER COMO QUE EU FAZIA SEM TER O MEDICAMENTO, COMO QUE EU LIDAVA COM UMA CRISE. PELO QUE EU LEMBRO, A CRISE DE ANSIEDADE, NO MEU CASO, ELA NÃO DURA TANTO TEMPO ASSIM. AS VEZES É SÓ EU RELAXAR E O NEGÓCIO PASSA. AGORA CRISE DE TDAH, EU SE NÃO TIVESSE ENTRADO NUMA TERAPIA, NUMA TERAPEUTA QUE FOSSE, ASSIM, EXEMPLAR NESSE ASSUNTO, EU ACHO QUE EU ESTARIA VIVENDO AINDA ESSA CRISE ATÉ HOJE.” (15:33)

LOC10: A PSICÓLOGA KATÍCIA GUIMARÃES FALOU SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS PAIS PRESTAREM ATENÇÃO E OUVIREM AS INFORMAÇÕES DADAS PELAS CRIANÇAS.

KATÍCIA1: (0:17) “O QUE EU TENHO PRA FALAR PROS PAIS QUE ENFRENTAM ESSE DESAFIO, É QUE VEJAM E ESCUTEM OS SEUS FILHOS. NÃO DESVALORIZEM AS SUAS QUEIXAS E MUITO MENOS OS TRATE COMO INCAPAZES. PROCURE, SIM, AJUDA ESPECIALIZADA PARA UMA ORIENTAÇÃO MAIS DIRECIONADA, LEIA, ESTUDE SOBRE O ASSUNTO, MAS PRINCIPALMENTE ESTIMULE AS ATIVIDADES QUE ELES POSSUEM MAIS HABILIDADES E DESESTIMULE A COMPETIÇÃO, EVITE AS COMPARAÇÕES COM OUTRAS CRIANÇAS, COM OS IRMÃOS, COM OS PRIMOS. AQUILO QUE É MUITO FÁCIL PARA VOCÊ, PODE SOAR, PARA UM PORTADOR DE TDAH, COMO UM IDIOMA DESCONHECIDO. SÓ QUE NÃO SIGNIFICA QUE ELE NÃO TEM RECURSOS PARA APRENDER ESSE IDIOMA. “ (1:18)

LOC11: É IMPORTANTE RESSALTAR QUE TDAH NÃO SE TRATA DE UMA INDISCIPLINA POR PARTE DAS CRIANÇAS OU DESLEIXO POR PARTE DOS

ADULTOS. É UMA PATOLOGIA QUE NECESSITA DE TRATAMENTO PARA QUE AS PESSOAS ACOMETIDAS PELO TRANSTORNO POSSAM VIVER COM UMA BOA QUALIDADE DE VIDA.

TEC8: VOLTA O BG PARA A PRÓXIMA FALA

LOC14: NO PRÓXIMO EPISÓDIO FALAREMOS SOBRE O TDAH NA VIDA ADULTA. TE VEJO LÁ!

ROTEIRO 4 | VIDA ADULTA

TEC1: SOBE BG

LOC1: OI! MEU NOME É LUCAS AMPARO E ESTE É O PRIMEIRO EPISÓDIO DO **MAIS QUE ATENÇÃO.**

TEC2: AUMENTA BG | ABAIXA BG

LOC2: AQUI VAMOS ESCLARECER E CONSCIENTIZAR SOBRE O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE, O TDAH QUE, SEGUNDO ESTUDIOSOS E PESQUISADORES, ACOMETE DE TRÊS A SETE POR CENTO DA POPULAÇÃO MUNDIAL, INCLUINDO CRIANÇAS E ADULTOS.

TEC3: AUMENTA BG | ABAIXA BG

LOC3: DURANTE ESSA SÉRIE DE QUATRO EPISÓDIOS, ESTAMOS CONVERSANDO COM PESSOAS QUE DE ALGUMA FORMA POSSUEM LIGAÇÃO COM O TDAH. PSQUIATRAS, PSICÓLOGOS, PESSOAS DIAGNOSTICADAS E PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO. NO EPISÓDIO DE HOJE, VAMOS FALAR SOBRE O TDAH NA VIDA ADULTA.

TEC4: PARAR SUTILMENTE O BG

LOC4: NO ÚLTIMO EPISÓDIO FALAMOS SOBRE O TDAH NA INFÂNCIA. EQUIVOCADAMENTE O SENSO COMUM ATRIBUI O TDAH COMO EXCLUSIVIDADE DA FASE INFANTIL, MAS EM 2005 ESTIMAVA-SE QUE CERCA DE 60% A 70% DAS PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM TDAH QUANDO ERAM CRIANÇAS MANTINHAM OS SINTOMAS DO TRANSTORNO NA VIDA ADULTA. SEGUNDO A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO, AO FAZER UM DIAGNÓSTICO DE TDAH EM UM ADULTO, É OBRIGATÓRIO QUE A INFÂNCIA DO PACIENTE SEJA RELEMBRADA. ISSO ACONTECE PORQUE O INDIVÍDUO PODE NÃO SE LEMBRAR DA SUA FASE INFANTIL, MAS PROVAVELMENTE ELE SE LEMBRA DOS APELIDOS PEJORATIVOS QUE RECEBIA POR SUA DISFUNÇÃO, ATÉ ENTÃO DESCONHECIDA. A PSICÓLOGA KATÍCIA GUIMARÃES EXPLICA QUE AO BUSCAR UM MÉDICO PARA OBTER UM DIAGNÓSTICO, UMA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA TAMBÉM É IMPORTANTE.

KATÍCIA1: (00:00) “O DIAGNÓSTICO, LUCAS, É FEITO PELA AVALIAÇÃO DO QUADRO CLÍNICO. É REALIZADO PELO MÉDICO PSIQUIATRA OU NEUROLOGISTA. O IDEAL É QUE ESSES PROFISSIONAIS, ALÉM DA ESCUTA DO RELATO DO PACIENTE E DA FAMÍLIA, SOLICITEM UMA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA QUE É APLICADA POR PROFISSIONAIS DA PSICOLOGIA COM ESPECIALIZAÇÃO NA ÁREA. A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA É COMPOSTA DE VÁRIOS TESTES QUE SOMADOS FORNECEM UM TIPO DE SELFIE, UM RETRATO DO MOMENTO DO DESEMPENHO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS CITADAS, DA MEMÓRIA, DA CONCENTRAÇÃO E OUTRAS HABILIDADES.” (0:41)

TEC5: VOLTA BG PARA O PRÓXIMO LOC COM INFORMAÇÃO

LOC5: PARA AVALIAR A QUALIDADE DE VIDA EM ADULTOS COM TDAH, FOI DESENVOLVIDO UM ESTUDO CHAMADO ADULT ADHD QUALITY OF LIFE QUESTIONNAIRE OU, EM PORTUGUÊS, QUESTIONÁRIO DE QUALIDADE DE VIDA EM ADULTOS COM TDAH. NESSA PESQUISA, FOI POSSÍVEL OBSERVAR QUE OS PORTADORES DO TRANSTORNO POSSUEM MAIORES TAXAS DE DESEMPREGO E DE DIVÓRCIOS, ALÉM DE TEREM UMA RENDA MÉDIA MENOR QUANDO SE COMPARA ESSES DADOS COM INDIVÍDUOS NÃO PORTADORES. A PSQUIATRA DOUTORA VERÔNICA SOARES COMENTA SOBRE A DIFICULDADE QUE ESSAS PESSOAS TÊM EM RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS.

TEC6: PARA BG

VERÔNICA1: (00:00) DIFICULDADE DE REGULAÇÃO... (0:33)
...DESINTERESSADA OU IRRESPONSÁVEL

LOC6: KATÍCIA ME RELATOU QUE É PORTADORA DO TDAH E COMENTOU COMO E QUANDO PERCEBEU QUE TINHA O TRANSTORNO. ELA FOI DIAGNOSTICADA JÁ NA FASE ADULTA, QUANDO ESTAVA NA FACULDADE, E PERCEBEU QUE HAVIA ALGO DIFERENTE. FOI AÍ QUE ELA DECIDIU IR ATRÁS DE UM DIAGNÓSTICO.

KATÍCIA2: (0:03) “SE FOR DE AJUDA, EU QUERO COMPARTILHAR COM QUEM NOS ESCUTA E SE IDENTIFICOU COM O QUE JÁ FOI DITO QUE ESTOU AQUI COMO PSICÓLOGA, MAS A KATÍCIA TAMBÉM APRESENTA ESSA CONDIÇÃO. EU SOU PORTADORA DE TDAH. EU PERCEBI QUE HAVIA ALGO DIFERENTE COMIGO DURANTE A FACULDADE. NÃO FUI DIAGNOSTICADA NA MINHA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA, ENCONTREI MUITAS DIFICULDADES, PRINCIPALMENTE RELACIONADOS A PROFISSÃO NO INÍCIO DA MINHA VIDA

ADULTA E NA FACULDADE EU PERCEBI QUE TINHA ALGUMA COISA DIFERENTE COMIGO E EU FUI ATRÁS DE UM DIAGNÓSTICO.” (0:52)

LOC7: EM AGOSTO DE 2022, A CIENTISTA POLÍTICA LUDMILA ROSA, QUE TAMBÉM É DIAGNOSTICADA COM O TRANSTORNO, AJUDOU A PROMOVER NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS UMA AUDIÊNCIA PÚBLICA SOBRE O TEMA, QUE AINDA PRECISA DE MAIS ATENÇÃO DA SOCIEDADE. O ENCONTRO CONTOU COM A PRESENÇA DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE E ESPECIALISTAS NO ASSUNTO. LUDMILA RELATOU ALGUMAS INFORMAÇÕES QUE CHEGARAM A ELA PELA REUNIÃO.

LUDMILA1: (45:44) “O QUE A GENTE APUROU AQUI NA AUDIÊNCIA PÚBLICA FOI QUE O USO DE MEDICAMENTOS DE TDAH AQUI NO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA, QUE ERAM DISTRIBUÍDOS COM GRATUIDADE FORAM TIRADOS DO SUS. **ENTÃO NÃO TEM NADA?** (LUCAS) NADA. ELES TINHAM A RITALINA QUE ASSIM, É O PRIMEIRO DE TODOS, É O MAIS INCIPIENTE E QUE, PORTANTO, PERDEU DE APERFEIÇOAMENTO.” (46:14)

LOC8: ENTREI EM CONTATO COM A ASSESSORIA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE GOIÂNIA, MAS ATÉ O MOMENTO EM QUE ESSE EPISÓDIO FOI GRAVADO, NÃO OBTIVE RESPOSTA. A DOUTORA VERÔNICA SOARES EXPLANOU SOBRE A IMPORTÂNCIA DO TRATAMENTO TANTO MEDICAMENTOSO QUANTO COMPORTAMENTAL EM ADULTOS COM TDAH.

VERÔNICA2: (00:00) SÃO IMPORTANTES... (0:20) ...ÁREAS DA VIDA DESSA PESSOA

LOC9: ALGUMAS FAMÍLIAS SÃO RELUTANTES EM ACEITAR QUANDO UMA CRIANÇA APRESENTA DIAGNÓSTICOS DE TDAH. A LUDMILA COMENTOU SOBRE SEU TRATAMENTO NA FASE ADULTA, JÁ QUE NA SUA INFÂNCIA HAVIA UM POUCO DE RESISTÊNCIA POR PARTE DE SUA MÃE EM REALIZÁ-LO.

LUDMILA2: (11:30) “NA IDADE ADULTA EU JÁ NÃO TINHA QUE ME SUBMETER AS DIFICULDADES DE ACEITAÇÃO DA MINHA MÃE, EU JÁ ERA UMA MULHER ADULTA QUE POR CONTA PRÓPRIA PODERIA, NÉ, TOCAR A MINHA TERAPIA, ENFIM, TANTO NA PSICOLOGIA QUANTO NA PSIQUIATRIA E FOI UMA OPÇÃO QUE EU FIZ DE QUALIDADE DE VIDA. ANTES EU ERA UMA PESSOA QUE TINHA MUITO RECEIO DE FALAR SOBRE TDAH, TINHA VERGONHA DE DIZER PORQUE HÁ MUITA DESINFORMAÇÃO E DESCONHECIMENTO, MUITO ESTIGMA EM RELAÇÃO À PESSOA COM TDAH E HOJE EU MEIO QUE VIREI ESSA CHAVE E FALEI: CARAMBA, ESSA É UMA BANDEIRA SUPER BACANA DE SE LEVANTAR PORQUE EU DESCOBRI UM CAMINHO DE UMA VIABILIDADE DE UMA VIDA MUITO BACANA PRA MIM, SABE? E EU QUERIA QUE AS PESSOAS PUDESSEM TER ESSE MESMO DESTINO.” (12:28)

LOC10: A PSICÓLOGA KATÍCIA COMENTA QUE, APESAR DAS DIFICULDADES QUE AS PESSOAS PORTADORES DE TDAH ENFRENTAM, É POSSÍVEL TER UMA BOA QUALIDADE DE VIDA.

KATÍCIA3: (2:44) “EU RESOLVI ME EXPOR UM POUCO E FALAR ISSO PRA VOCÊ QUE SE IDENTIFICOU COM O QUE EU DISSE. SABER QUE VOCÊ TEM O DIAGNÓSTICO É MUITO IMPORTANTE. MAS PRINCIPALMENTE É NÃO DEIXAR QUE O TDAH, O PRECONCEITO, O JULGAMENTO, O CANSAÇO, SEJA DESESPERANÇA VENHA ROUBAR A FÉ QUE VOCÊ TEM EM VOCÊ MESMO. ENTÃO SIM, ATÉ NA FACULDADE EU OUVI QUE UM PORTADOR DE TDAH NÃO PODERIA SER PSICOTERAPEUTA. E EU FALO SIM, EU POSSO. PODE SER QUE EU TENHA QUE IR COM O MEU BALDINHO, NÉ, ESSE BALDINHO QUE EU SOU E FAZER VÁRIAS CAMINHADAS, NÉ. TALVEZ OUTRA PESSOA PRECISE

FAZER SÓ UMA CAMINHADA, POR EXEMPLO. ÀS VEZES EU TENHO QUE LER UM LIVRO TRÊS VEZES PRA PODER PRESTAR ATENÇÃO. ÀS VEZES EU TENHO QUE ASSISTIR UMA PALESTRA MAIS VEZES. MAS É POSSÍVEL, É ALCANÇÁVEL, ENTÃO TENHA FÉ EM VOCÊ, FOCHE NAS TUAS HABILIDADES E PROCURE AJUDA.” (3:54)

LOC11: É IMPORTANTE RESSALTAR QUE TDAH NÃO SE TRATA DE UMA INDISCIPLINA POR PARTE DAS CRIANÇAS OU DESLEIXO POR PARTE DOS ADULTOS. É UMA PATOLOGIA QUE NECESSITA DE TRATAMENTO PARA QUE AS PESSOAS ACOMETIDAS PELO TRANSTORNO POSSAM TER UMA BOA QUALIDADE DE VIDA.

TEC9: VOLTA O BG PARA A PRÓXIMA FALA

LOC12: CHEGAMOS AO FIM DESTA JORNADA. OBRIGADO A VOCÊ QUE ME ACOMPANHOU NESSE UNIVERSO DE CONHECIMENTO SOBRE O TDAH. SE VOCÊ PERCEBEU QUE PODE SER UM PORTADOR DO TRANSTORNO, PROCURE AJUDA. A GENTE SE VÊ POR AÍ, ATÉ MAIS.

Anexos 3 - Autorizações

As autorizações das fontes para uso de suas entrevistas neste TCC estão arquivadas na Coordenação do Curso de Jornalismo da PUC GOIÁS, observando os dispositivos de sigilo previstos na Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).